

Entrevista com o professor Tarcísio Motta de Carvalho, por Nina Paiva Almeida, realizada em 10 de novembro de 2004, na sala do Laboratório Dimensões da História (LDH), nº 40?, bloco O, ICHF, UFF, Niterói, RJ.

CD 01 – Faixa 01

Nina: É... Então, pra gente começar, vou te pedir pra você me falar um pouquinho dos seus avós.

Tarcísio: Meus avós... Ih, rapaz, maior confusão! Porque, é, meus avós por parte de mãe, né, eu, é, eu conheci, quer dizer, dois avós, pra mim eram os meus avós mesmo, mas depois eu vim descobrir que só minha avó que era minha avó legítima. Era o Oscar e dona Neném, Jucelina o nome dela, e eram pessoas ótimas. Meu avô era ladrilheiro. Era, fazia, era, trabalhava em várias obras lá em Petrópolis, e minha avó era dona de casa, embora tenha trabalhado em fábrica de tecidos quando era mais jovem, e tal. É, só que depois eu vim descobrir que eu tinha um outro avô, que na verdade era o pai mesmo da minha mãe, que abandonou minha avó quando a minha mãe ainda tava, é, na barriga da minha avó e que era um operário. Ele acabou, teve várias esposas, e tal, e veio morar o Rio de Janeiro, morou em vários outros lugares e tal, e eu conheci esse meu, meu outro avô com uma, com uma outra senhora, que era a dona Neli, que acabou sendo importantíssima na minha vida, e aí acaba sendo uma outra avó também, que foi de uma certa forma a pessoa que me ajudou quando eu vim aqui pra UFF, é, que bancou uma série de coisas, que bancava inscrição em concurso, que acreditava pra caramba em mim, e que era professora, era professora de técnicas comerciais do Estado, era uma senhora extremamente interessante, Dona Neli. Por parte de pai, é, eu não conheci minha avó, minha avó morreu quando meu pai tinha doze anos, é, e eu conheci meu avô, o seu José, que veio de Campos, era trabalhador rural em Campos, tinha sido meeiro, foi expulso, é, de uma fazenda que era do primo dele, e foi morar em Petrópolis. E tinha onze filhos, então eu tenho dez tios por parte desse meu avô, e era extremamente religioso, ia à missa todos os domingos,... [pausa] É, ia à missa todos os domingos, obrigava os filhos a ir a missa, era extremamente religioso e adorava Clara Nunes. São as coisas que eu lembro dele; apesar de ser extremamente católico adorava a Clara Nunes. Mas todos, acabou a pessoa com quem eu mais convivi foi a dona Neli, que era exatamente a menos avó é de toda essa confusão maluca que tem por aí. Mas é um pouco por aí. Não sei se...

Nina: Legal. E os seus pais?

Tarcísio: Meus pais. Meu pai, também Tarcísio, é, operário, foi operário de fábrica a vida inteira, foi encarregado de almoxarifado, foi, é, pedreiro, ajudante de pedreiro nas épocas que estava desempregado e tudo mais, e é uma pessoa impressionante, né, assim, extremamente culta, extremamente antenado, que não teve uma formação escolar muito grande, quer dizer, até teve ensino médio, mas é uma pessoa extremamente ligada em várias coisas, assim. É uma pessoa que eu admiro pra caramba. E minha mãe, é, foi também operária durante um tempo bom da vida dela, foi, trabalhou em fábrica de tecido também, o que é bastante comum lá em Petrópolis, até casar, é, aí casou, parou de trabalhar, aí voltou a trabalhar há uns dez anos atrás, tomando conta de crianças do próprio bairro, há uns dez, quinze anos atrás, tomando conta de crianças no bairro, depois chegou a ser empregada pela prefeitura pra fazer esse mesmo papel, e agora tá aposentada, hoje os dois estão aposentados, fazem uma série de trabalhos na Igreja, na pastoral da criança, num outro movimento, é, mais ligado à renovação carismática e vivem em Petrópolis, né, vivem em Petrópolis hoje, sem a presença dos dois filhos, porque eu tô aqui, e meu irmão casou também, embora mora mais próximo. E são pessoas que eu admiro muito, que eu, e que tenho hoje o maior problema de estar visitando cada vez menos eles.

Nina: E eles dois são, são de Petrópolis?

Tarcísio: Não, meu pai é de Campos, interior de Campos, interior de Camuci. Segundo ele, nasceu num lugar chamado Valão do Padre Antônio. É, e minha mãe é de Petrópolis, minha mãe nasceu de Petrópolis, nasceu em Petrópolis. Minha família acaba sendo, mas, toda a minha família tá de uma certa forma em Petrópolis ainda.

Nina: E me fala um pouquinho então da sua infância, como é que foi, que lembranças que você guarda.

Tarcísio: Minha infância... É, minha infância... Era a infância de um moleque, é, numa comunidade relativamente pobre em Petrópolis. Como é que eu posso dizer isso... Era muita brincadeira na rua, muita, muita coisa de jogar bola, de soltar pipa, é... E era muito isso, era esse tipo de brincadeira. Era um grupo bastante grande de pessoas que vivia na rua, então a gente passava o tempo inteiro, era escola de manhã, é, bom, teve um primeiro ano que escola era de tarde, mas era primário, mas era escola de manhã e brincadeira, rua a tarde até de noite. Ainda não era muito a geração do vídeo-game, vídeo-game era um negócio extremamente caro, e a gente, tinham pouquíssimas pessoas que tinham na rua. E eu gostava muito, na verdade era isso, era passar a tarde brincando de pique, de bola, de botão, e tal. É, além disso, era a história da escola mesmo, né, daquela coisa da, no final das contas da infância que acaba girando em torno também dos amigos da escola, da primeira namorada que era da escola, e que acaba, é, colocando isso. Um pouquinho depois, com doze, treze anos, eu acabo entrando pra Igreja, um grupo de jovens, tal, e aí também amplia um pouco mais tanto as coisas de tá fazendo outras coisas na comunidade, organizando festa, organizando campanha do quilo, organizando campanhas, e participando de uma comunidade que é um pouco maior, que acaba expandindo um pouco mais, mas de infância o que eu lembro é um pouco isso, essa história de moleque de rua, é, depois essa história da Igreja. Por aí.

Nina: É, e a sua família hoje, como é que é?

Tarcísio: Meus pais tão casados ainda, tão, eu tô meio distante deles por conta da distância das cidades, embora Petrópolis não seja muito longe, é, meu irmão tá casado, teve uma série de problemas no meio do caminho por conta do casamento, tem um filho, o Leandrinho, é, é, e assim, é engraçado como não há uma família muito extensa, quer dizer, eu tenho ainda alguma relação ainda com uns tios, mas cada vez menor, meus pais também têm relação com uma irmã da minha mãe só, mas é uma família que é um pouco fechada no núcleo mesmo familiar, meu pai, minha mãe, eu e meu irmão, né, assim. Mas é uma família ainda..., nesse nível, que não se encontra mais tanto, mas acaba se encontrando, é, os quatro juntos pelo menos umas duas, três vezes por ano e se fala muito mais por telefone.

Nina: E a sua esposa, seu filho. Fala um pouquinho...

Tarcísio: Bom, Gabriela. Gabriela minha esposa, eu conheci aqui na UFF, foi minha caloura, é, numa turma de geohistória. É, ela veio fazer História aqui, e a gente se conheceu na turma, acabou ficando junto umas duas vezes, aí acabou logo depois que a gente começou a namorar, uma semana depois, teve uma ANPUH em Pernambuco, e aí a gente foi de ônibus pra Pernambuco, trinta e seis horas sentados um do lado do outro e a gente, ali era pra terminar de uma vez, não se suportar ou se amar, como a gente acabou se amando bastante. E se ama muito. É... e aí a gente construiu, acabou construindo uma história junto, porque, é, eu fiquei, logo com seis meses de namoro eu fiquei sem lugar pra morar, aí fui morar na casa da mãe dela, e aí os laços foram crescendo, quando acabei tendo grana fui morar num outro apartamento, ela veio junto, e aí a gente passou a morar junto e começou, eu me formei, logo depois ela se formou também, a gente teve, é, uma primeira experiência de uma gravidez que não, não deu certo, que não foi pra frente, aí tivemos o Vicente, que você conheceu ontem, meu filho, que aí são esses laços que vão crescendo, quer dizer, a

gente hoje meio que trabalha dando aula pra tudo quanto é lado, ela tá no mestrado. E meu filho é um, eu sou apaixonado por ele, é um presente maravilhoso, me descobri pai depois que tive o Vicente. Acho ótimo, curto o tempo todo essa história, tem toda a história do cansaço, do estresse, tal, mas que é superado pelas, pelos momentos que eu consigo parar e faço questão de ficar com ele, né, assim. Então minha família é um pouco isso, eu, a gente, é, passou por dificuldades financeiras, problemas que são próprios da, da família, mas eu acho que é uma família interessante.

Nina: É, e a sua esposa é professora de História também?

Tarcísio: Professora de História, na rede pública do Rio, né, professora, da, do município do Rio. Era professora de escola particular até um ano atrás, quando deixou por conta do mestrado, pra poder se dedicar um pouquinho mais ao mestrado.

Nina: É, e você vê relação, assim, do seu ambiente familiar, de onde você cresceu, com a sua escolha profissional?

Tarcísio: Ambiente familiar? Tem uma relação com meu pai, quer dizer, meu pai, é, meu pai sempre incentivou muito a questão do estudo e da leitura. É, e sempre incentivou bastante a coisa de tá, de tá pensando, de tá, de tá raciocinando sobre as coisas que tão acontecendo em volta. Não tem nenhuma referência, por exemplo, com uma a postura de esquerda, ou uma postura política, uma análise, tal, meu pai até pregava voto nulo muitas vezes. Mas, é tinha uma reflexão disso, meu pai muito cedo, por exemplo, pegou tanto a mim quanto ao meu irmão e levou pra biblioteca, ensinava como é que pega livro na biblioteca, como é que, na biblioteca pública lá de Petrópolis, e eu acabei lendo um montão de coisa por conta disso e tal. Tem essa relação. A escolha profissional tem uma outra relação que é essa entrada pra, pra, pro movimento de jovens na Igreja, e que acabou me trazendo mais próximo pra Teologia da Libertação, pra uma postura mais de esquerda na Igreja, e aí toda uma preocupação com a compreensão da realidade, com a compreensão e com a intervenção na realidade, isso tudo foi meio que de uma certa forma conformando uma idéia de discutir, de estudar História, né, e ao mesmo tempo a história de ser professor, e aí ser professor significava estudar bastante, conseguir passar o conhecimento, num primeiro momento era essa a idéia, de passar conhecimento, e de tal, e um pouco... tem haver com o ambiente familiar, mas tem haver depois de fora da família.

Nina: E o seu irmão, qual, qual, em que que ele trabalha?

Tarcísio: Meu irmão hoje tá trabalhando em é, indústria de informática, ele, eu não vou nem conseguir direito explicar o que que ele faz. Mas ele implementa um software de gerenciamento de grana, e de almoxarifado, e de estoque, em algumas fábricas, em alguns, algumas empresas. Ele hoje, atualmente ele tá trabalhando na Casa da Moeda ali em Santa Cruz, Itaguaí, ele vem de Petrópolis todo dia pra fazer isso. Mas o meu irmão, o sonho dele era ser professor de matemática. Então ele seria professor de matemática, começou a fazer o curso na UFRJ, mas aí teve o problema do casamento, que num primeiro momento foi um problema mesmo, ele foi de uma certa forma forçado a casar, é, e aí abandonou a faculdade, continua trabalhando em fábrica, tal, e aí ele acabou chegando nesse meio do caminho, e ele hoje tá tentando fazer o curso de educação, de ensino de matemática à distância do CEDERJ [risos], embora tenha abandonado no, eu tentei ligar pra ele até pra saber como é que tava há um tempo atrás, ele disse que tá largado, que ele começou a fazer, fez alguns dos primeiros módulos, tal, tava empolgado, mas o trabalho, até como ele começou a crescer no trabalho, mudar de posição, de posto, ele, aquelas coisas tipo sênior, júnior e não sei o que, ele agora não tá mais, mais estudando não. Mas então ele é, hoje ele é ligado na área de informática.

Nina: É, seu irmão é mais novo ou é mais velho?

Tarcísio: Quatro anos mais novo. Leandro é quatro anos mais novo.

CD 01 – Faixa 02

Nina: Então, vamo falar um pouquinho de como é que foi a sua vida escolar. Em que escola que você estudou?

Tarcísio: É, eu sou aluno de escola pública a vida inteira. É, eu estudei em uma escola municipal, escola municipal Rôtari, em Petrópolis, que era a única escola até a oitava série do bairro, então tinha uma escolinha paroquial até a quarta série, que meu irmão até estudou lá, mas eu não, e essa escola que pegava alunos de dois bairros diferentes, então, na verdade todo mundo se encontrava na escola, uma escola de comunidade, é, uma escola pública, municipal, e que tinha apoio o Rôtari Clube em algumas coisas.

Nina: E como é que era a escola, assim, o ambiente...

Tarcísio: A era legal... [Nina: ... o espaço...] ...eu tenho altas lembranças da escola, muito boas lembranças. Um esquema de escola meio, engraçado porque hoje eu sou professor, eu fico avaliando com, com, como é que eu vejo hoje, né. Tinham professores extremamente tradicionais, né, é, professoras de matemática carrascas, a grande maioria era mulheres, de professoras, eu tive dois professores homens, um que era de História e o outro de Educação Física, é, e era um clima bastante interessante, quer dizer, eu acho que, é, nessa escola do primeiro grau eu fiz grandes amizades, inclusive com alguns professores, depois nunca mais encontrei, mas era, eu gostei muito, tenho ótimas lembranças daquela escola. Tanto das aulas quanto da, das pessoas que, dos amigos e da, das olimpíadas que a escola fazia, das aulas de educação física de tá jogando bola e ao mesmo tempo das feiras de ciências, era uma escola que mantinha uma certa, uma certa quantidade de atividades cotidianas que envolviam a escola toda, festa junina, esse tipo de atividade me trás muita lembrança daquela escola.

Nina: E o segundo grau? Você estudou lá até a oitava, né?

Tarcísio: Até a oitava. Aí eu fui fazer ensino médio numa, o segundo grau, na época não era ensino médio ainda, no Pedro II, escola estadual, colégio estadual Pedro II, que era um colégio estadual, à noite. E que aí era outra história, era um colégio no centro da cidade, era um colégio que recebia gente de tudo quanto é canto, uma escola que inclusive tem uma história de, de décadas atrás de ter sido das melhores escolas da cidade, quando eu entrei já não era, já, de todo o desgaste do ensino público estadual, já era uma escola que faltava professor, eu enfrentei greve nos três anos que eu fiz ensino médio, enfrentei greve nos três anos, é, tinha professores horrorosos, tinha outros brilhantes, como eu acho que no final das contas ainda é hoje a realidade das escolas do estado. Eu tive professores como a professora de literatura, que eram as aulas mais de, de discussões mais interessantes que tive, tive um bom professor de filosofia, e aí era, só que era à noite, e o esquema era outro num certo sentido, né, era de muitos adultos estudando, muito pouca gente estudando pra conseguir fazer outras coisas, a grande maioria era pra ter diploma, além de mim apenas uma outra, uma única pessoa chegou a entrar na universidade, é depois eu não tive contato com mais ninguém, mas fiz também grandes amizades, assim, um pouco nesse esquema de escola.

Nina: E que tipo de aluno que você era?

Tarcísio: Eu era, ih, cara, no primeiro grau eu era um cdf. Eu era daquele tipo de aluno que tirava o maior notão e que ficava puto quando não tirava nota boa, e que às vezes me via no meio de concorrência com outros alunos, querendo tirar nota mais alta, tal. Era, eu era no primeiro grau um aluno muito certinho. No segundo grau tem essa diferença do público, eu já tava, é, tem essa diferença do público e tem a diferença da minha história também, eu já tava nos grupos de jovem, já tava com outro tipo de leitura, tinha um outro tipo de postura, é, e acabava sendo um aluno que tirava notas muito altas, mas embora já não tivesse mais essa

preocupação de ser um aluno certinho, né, de vez em quando faltava pra ir tocar violão numa praça atrás da escola, é, e ao mesmo tempo saía com os amigos, e tal, e minha preocupação, pelo menos desde o segundo ano, no primeiro ano ainda era muito, não tava muito claro isso, era conseguir estudar pra passar no vestibular também, então acabava correndo atrás, estudava, aprendia, é, ensinava pros outros alunos, acho que a opção de ser professor inclusive veio desse contato com de, de, de ensinar pros outros alunos da minha turma, a gente tinha um grupo que se reunia de vez em quando, principalmente pra estudar, pra aprender química, física, essas matérias que eram mais difíceis mesmo de tá passando, e eu gostei um pouco disso. Então eu era esse tipo de aluno.

Nina: E de que forma você acha, assim, se teve essa influência da, da sua vida escolar na sua escolha profissional? Você acha que influenciou, de que forma...

Tarcísio: Primeiro essa, essa de, de na verdade de ter passado por uma primeira experiência de dar aula com os alunos, na verdade de ensinar alguma coisa com os alunos que tavam na, na minha turma. Na verdade acontece o seguinte: nessa época do ensino médio, do segundo grau, eu trabalhava num laboratório de prótese dentária, entregava as coisas pros dentistas e tal, e eu achava que eu queria ser dentista, no primeiro ano, até mais ou menos a metade do segundo ano, é, e aí tinha influência da minha, do meu ambiente profissional na minha escolha. Mas por conta dessa experiência na escola, associada à experiência da Igreja, dos grupos de jovens, da pastoral de juventude, é que na verdade essa história me viu, eu via nos meus professores algo que eu queria fazer, a partir daí, e engraçado que não era o professor de História, o professor de História era horroroso, ficava lendo livro e passando questionário, mas era em outros professores, como essa professora, a Bete, de literatura, que era impressionante como é que a coisa fluía, a gente ia às vezes pro ponto de ônibus, onde ela pegava o ônibus e ficávamos até onze horas, onze e meia discutindo texto do Fernando Pessoa, e aí aquilo era algo que eu queria fazer, entende, então tinha haver com essa história de tá me espelhando nessa possibilidade. E também de não fazer o que o professor de história, ou o que o professor de geografia que vinha pra sala de aula bêbado, que nunca deu aula direito pra turma, ou de não fazer aquilo que ele tava fazendo com as pessoas que tavam ali, quer dizer, então tinha, tem haver com esse espelho, de me olhar, principalmente a partir do segundo ano. No início ainda era meio confuso, ainda queria ser dentista, era outra história.

CD 01 – Faixa 03

Nina: Mas aí quando é que foi que você escolheu fazer história mesmo?

Tarcísio: No segundo ano, na metade do segundo ano. Tinha primeiro, engraçado, não sei o quanto é reelaboração de memória e o quanto é real, mas tem uma coisa de primeiro, a seguinte constatação: eu não me vejo preso num consultório de dentista, essa é uma primeira constatação. Eu me vejo falando com as pessoas, conversando com as pessoas, convencendo as pessoas, coisa que eu fazia na pastoral de juventude. Eu não contei isso ainda, mas teve um momento, engraçado, né, eu não tinha, acho que essa coisa não tinha, se eu já tinha, já tinha pensado nisso. Tava na oitava série, já tava no grupo de jovens, já participava muito da Igreja, mas não tava na pastoral da juventude, não tinha tido contato com a Teologia da Libertação, e eu pensei em ser padre. É, e tinha um pouco haver com o que o padre fazia na hora do sermão da missa, não tinha nada haver com todo o resto, mas tinha haver com o sermão, eu achava aquilo ótimo, que era, e um pouco talvez seja a mesma idéia de ter sido professor, era uma idéia de poder falar com as pessoas, de convencer, de fazer algo pelas pessoas a partir do convencimento, e aí isso aconteceu, a decisão de não mesmo ser padre foi logo depois, tal, logo depois da oitava série, no primeiro ano já não tinha mais essa opção, mas no segundo ano do segundo grau era essa coisa de convencer as

pessoas, de ensinar, é onde foi. Então era 1991, 1991 quando eu optei, ali era a opção de ser professor.

Nina: E, como é que foi a reação da sua família quando você escolheu fazer História?

Tarcísio: Não foi muito... Primeiro tinha a questão desde o início de que fazer faculdade fora de Petrópolis, fazer faculdade pública, era algo muito difícil pra minha mãe, significava estar longe do filho, que acabou significando mesmo. É, pro meu pai foi muito, foi uma decisão que ele gostou muito. É, a dona Neli, bom, adorou a idéia, me deu a maior força, era isso mesmo, embora fizesse todo aquele discurso, pô mas tu não vai ganhar nada, tu vai ser, tu não vai ter, tu num vai ter dinheiro, cê não prefere fazer, é, outra coisa, vai fazer concurso público pra ser funcionário público pra ganhar dinheiro, embora ela no fundo tivesse adorado a idéia de ser, porque ela própria era professora. Então, pensando um pouquinho na reação da minha família era isso. Meus pais sempre tiveram muito orgulho depois dessa minha opção. Mas no momento da decisão, de ser professor, era um misto de orgulho mas com, assim, pô isso significa que ele vai pra longe, é, mas ele pode acabar voltando, mas tinha um pouco essa história. A reação foi essa.

Nina: E o que que você tinha em mente, o que que passava pela sua cabeça quando você, o que você esperava do curso quando você começou a estudar História?

Tarcísio: Ah... Tem uma primeira coisa que era transformar a realidade, era a frase que vinha na cabeça. Nessa, na militância na pastoral da juventude com um grupo de, sei lá, dez, quinze amigos que nós tínhamos, a gente até discutia muito isso, era um pouco com essa história de que era possível transformar, e aí era possível transformar também através da educação, através da escola, uma visão ba... hoje considero muito ingênua, mas que na época era muito concreta. Tinha um cara que era mais velho, que era até radialista, tal, o Rogério, que dizia, olha, não é bem assim, tal, ele era um pouco a voz que fazia com que a gente recuasse um pouquinho. Era um momento que a gente chegava mais perto das leituras marxistas, de uma, algumas leituras marxistas, ou de algumas leituras por dentro da igreja, é, que tinha essa coisa da necessidade da transformação, da necessidade dos grupos de base, da, da opção pelos pobres, e aí tinha haver com isso. Então o que eu esperava era, era utilizar o ensino, o ser professor de história, é, e de vir pra faculdade de história pra compreender e transformar a realidade. Então a, era um pouco essa a esperança e utopia, mas era uma esperança que era real.

Nina: História foi sua primeira opção no vestibular?

Tarcísio: Foi, foi.

Nina: E a UFF, por que a UFF?

Tarcísio: Bom, primeiro, é, assim, é, eu fiz dois vestibulares só no primeiro ano, na primeira tentativa, que foi a única. Eu tava, tava no ensino médio, tinha tido greve naquele ano, eu não me achava minimamente capaz de passar, achava que não passaria, é, e aí fiz duas inscrições, uma delas inclusive foi a dona Neli que pagou, a outra eu me virei pra arrumar o dinheiro e paguei, é, e fiz a opção pra UFRJ e pra UFF. Sem saber direito qual das duas eu queria. É, aí fui buscar aquele tipo guia do estudante nas bancas, tinha uma, a, o ranking das universidades que saiu na Playboy, tinha lá, apontava com a UFF como melhor escola, melhor faculdade de história. E aí eu acho, eu passei a achar, não, a minha idéia era fazer na UFF, fazer à noite pra poder trabalhar e passar só pro segundo semestre, pra conseguir passar seis meses sem estudar. É, foi o que acabou acontecendo, eu tirei zero em química na UFRJ, fui reprovado na UFRJ, não tive o trabalho de escolher entre uma e outra, e passei na primeira reclassificação na UFF, eu passei em centésimo nono lugar, é, na UFF, não passei bem, mas, não tava na primeira listagem, mas tava logo na segunda listagem e acabou acontecendo o que eu queria. Então a opção pra UFF vinha por isso, só por ter feito

opção nessas duas, e já na, uma certeza de que não passaria e que na verdade tinha que pensar muito mais nessa questão no ano seguinte. Acabei passando, né, aí vim pra UFF.

CD 01 – Faixa 04

Nina: E como é que foi sua graduação?

Tarcísio: Pô... Como é que foi minha graduação... Assim, foi especial, assim, foi algo, é, foi, foi algo muito, muito enriquecedor. Tanto das crises, ou da percepção de que toda aquela história de transformar a realidade era uma utopia, mas a certeza de que algo nesse caminho tinha que ter sido feito e tal, quanto a experiência de encontrar tanto gente que ainda hoje são meus amigos, meus companheiros, a experiência de ter vivido numa república, de ter mudado de cidade, é, é muita coisa pra falar assim, é, rapidamente, porque o que que acontece, eu era um moleque, um garoto de Petrópolis, sem nunca ter vindo ao, ter vindo ao Rio algumas vezes, que vai de repente morar no Lins de Vasconcelos e estudar em Niterói. Significava uma mudança de mundo, de paradigma mesmo, e depois do ponto de vista da discussão política, é, eu morei no Lins seis meses, aí vim morar em Niterói com mais seis pessoas, é, logo depois, já, é, ainda no final do primeiro período, eu morei no Lins três meses só, não seis, só três meses. E aí nessa república, na Borboleta Negra, como a gente chamava a República, era na verdade a confirmação de uma série de, de coisas, e as crises com relação a outras, é, concepções políticas, tomada de posição políticas, é por exemplo o momento de contato com a militância do PT, forte, mas já com alguém, com pessoas que tinham crítica, na república que a gente morava tinha o Alex, que é da esquerda do PT, é, e que militava, que fazia campanha, que tinha sido do movimento estudantil, tinha o Alexandre, que a gente chamava de Skin, que era anarquista, e anarquista de tá lendo Bakunin o tempo todo, e de tá discutindo, tal. Tinha eu que era igrejeiro, tinha um outro moleque que era o Pequeno, que de vez em quando tá por aí, mas que chegou era um mauricinho que não, não sabia de nada da vida, que ficava puto quando a gente comia o biscoito dele e que, na verdade, nós quatro, por exemplo, sentávamos às vezes pra jogar baralho de madrugada e ficávamos altas horas discutindo política e concepções, eu não tenho muita clareza do quanto isso influenciou, mas tenho certeza de que ali as coisas estavam fervilhando tanto, e era do tipo de fazer seminário junto, eu e Alex éramos da mesma turma, é, e de tá discutindo as coisas o tempo inteiro. Junto disso tem, obviamente, o caminho que acabou gerando a entrada no movimento estudantil dentro do curso da UFF, isso era outra parada, era outra parada de discutir, de construir coisas pras pessoas aqui, de, dos embates do departamento, de começar a se identificar com alguns professores, é, alguns pela, pela, pelo brilhantismo mesmo intelectual, o Ilmar, o Leandro Konder, a Margarida. Outros pelas posições políticas, a Virgínia, a Sônia Mendonça. E aí tinham, é, isso foi uma baita experiência, né, era meio, é meio que uma experiência, se a PJ, se a pastoral da juventude é uma experiência de me aproximar um pouquinho do, do mundo, de perceber que o mundo pode ser compreendido, de que ele é muito mais do que o bairro ou a cidade, a UFF foi a compreensão de que é muito difícil compreender o mundo e só que há a necessidade de o tempo inteiro tá estudando, lendo, discutindo, tal. A graduação é um pouco isso. Meio maluco falar isso tudo assim rápido, mas é, é isso, é isso.

Nina: Você entrou em 91, não é isso?

Tarcísio: Não... [Nina: ... que você falou?] não, eu entrei em 93, em 91 eu tava, entrei em setembro de 93, foi logo depois do feriado de 7 de setembro. Dia 8 de setembro de 93. [risos] [Nina: Lembra o dia.] Uma aula com o Alvito e com, é, Gladys. No primeiro dia de graduação tive aula com Alvito e com a Gladys, era um teste de fogo. O Alvito dando ainda história antiga.

Nina: E... nessa república, essas pessoas que moravam com você eram todas da História também?

Tarcísio: Não. É, da História éramos eu, o Alex e o Skin, esse anarquista, e o Alex Cortes. O Skin não terminou a graduação. O Alex terminou o mestrado em educação agora, terminou a história, foi pro mestrado em educação e hoje tá dando aula em Arraial e Cabo Frio, que era a região dele. O Pequeno era de ciências sociais da UFF. Ainda tinha o Brioco, que é o Júnior, é, que não era nada, quer dizer, que não era nada, ele era alguém que tinha vindo do nordeste, encontrado com o povo do PT por aqui e não tinha onde cair, foi pra lá, e tinha um outro menino que eu agora esqueci o nome, que tava doido pra fazer ciências sociais, mas ainda era secundarista, que também tinha vindo da Região dos Lagos e tal, eram esses seis que eram o núcleo, embora de vez em quando chegasse mais um, saísse o outro, tal. Mas da História éramos eu, o Alex e Skin, o Alexandre.

Nina: Você passou a graduação inteira morando nessa república?

Tarcísio: Não. Eu morei lá do final de 93, 94, 95, é, em 96 eu fui morar... não, ainda na metade de 95 eu fui morar com um cara conhecido meu da época da PJ, que a gente foi despejado da república, porque não conseguia pagar o condomínio, nem o aluguel, essas coisas de estudante duro, é, aí a gente foi pra uma casa na Venda da Cruz, que era uma casa caindo aos pedaços, e que aí lá a convivência foi ficando difícil, né, dos problemas de nunca se arrumava a casa, nunca se lavava nada, nunca se fazia nada, e aí conflitos que dão em qualquer convivência mesmo com muitas pessoas assim. E aí eu acabei indo morar com o Fidélis, que era esse cara que eu conhecia do tempo da PJ, que é um advogado, né, não tinha nenhuma relação com a História, e que tinha uma casa aqui em Niterói que eu morei com ele menos de um ano, né, tal, e depois eu tive que sair dessa casa e aí fui morar na Gabriela, na casa da família da Gabriela, terminei a graduação ainda, já tava morando na casa da, da mãe da minha esposa.

Nina: E que tipo de aluno que você era durante a graduação?

Tarcísio: Ih, aqui? Bom, continuava um aluno bom, continuava um aluno bom, embora os problemas de trabalho, é, sempre interferiam nas notas. Do tipo, a matéria do Alvito, por exemplo, no primeiro período, quando eu fiz as contas por conta das infinidades de fichamentos que tinham pra ser entregues, eu fiz as contas, já tinha seis, eu abandonei, não fiz mais trabalho nenhum, eu ia às aulas, mas não fiz mais trabalho nenhum, porque eu já tinha passado, pra dar conta das matérias da Gladys, que também tinha uma infinidade de fichamentos e trabalhos. É, é, como a, no primeiro período eu não tava nem trabalhando especificamente, mas era o choque de alguém que tava vindo de uma escola do estado, e que não tinha a mínima capacidade nem de leitura propriamente dita. Então as coisas eram muito difíceis, mas eu fui um aluno bom na graduação com esses problemas de tá fazendo e trabalhando no restante, e um aluno participativo, que acabava participando muito das reuniões de departamento, dos movimentos da, da universidade, dessas coisas todas, né. Então, um aluno que, que na verdade até que os professores que eu encontro hoje como meus colegas aqui lembram, dizem que era um aluno bom. Por aí.

Nina: Você teve bolsa de pesquisa... [Tarcísio: Tive.] ... de monitoria?

Tarcísio: É... não, monitoria não. Monitoria foi um fracasso a única vez que eu fui tentar fazer, eu fui fazer uma prova de monitoria e, e a pergunta era falar, era Brasil II, que eu achei mais fácil, mas não era o que eu mais conhecia, então, mas eu fui fazer de Brasil II, que era império, e aí a pergunta era falar sobre a economia cafeeira no Vale do Paraíba, a coisa mais óbvia do mundo e eu não consegui escrever duas linhas, entreguei a prova em branco. É, mas eu tive bolsa de PIBIC, primeira bolsa de PIBIC que eu tive, na verdade eu tive bolsa de PIBIC por quatro anos, quase a graduação inteira, né? É, quatro? Não, foram três anos. A primeira bolsa que eu tive foi na FIOCRUZ, é, por conta de contatos de amigos que estavam

na FIOCRUZ eu acabei indo lá fazendo uma entrevista e fui ter bolsa de PIBIC pra organizar uma coleção sobre febre amarela, é, era uma coleção da Fundação Rockefeller, com a FIOCRUZ e tal. Depois eu tive mais uma bolsa na FIOCRUZ, que era, também na área de arquivologia, essas duas eram na área de arquivologia, é, pra discutir mecanismos de organização dos acervos da Casa de Oswaldo Cruz. E depois tive uma bolsa com a Márcia Mota, já pra aí discutir a questão agrária, era a minha chegada pra questão, da opção de questão agrária, tive uma bolsa de pesquisa com a Márcia Mota pra, onde acabei pesquisando editoriais do Jornal do Brasil sobre questão agrária.

Nina: E experiência de, como professor, você teve durante a graduação?

Tarcísio: Tive, pra caramba também. Que que aconteceu, no final do primeiro período, é, nessa que eu tava morando no Lins e depois vim pra cá, é, eu não tinha mais dinheiro pra ficar pra cá, eu não tinha dinheiro pra me manter, porque meu pai tinha ficado desempregado, a minha mãe só tinha aquelas crianças que ela tomava conta, e meu irmão ainda não trabalhava. Dona Neli me ajudava um pouquinho, mas não dava mais pra me ajudar tanto, não dava pra me manter aqui, e eu precisava arrumar um emprego pra continuar. Então o que aconteceu foi que eu consegui uma bolsa de treinamento na biblioteca, não tinha nem falado, foi logo no início, e surgiu a possibilidade de trabalhar numa escola particular em São Gonçalo, tinha uma amiga da minha turma, dessa turma de primeiro período, a Elizete, que dava aula em São Gonçalo porque ela tinha feito licenciatura curta, é, bastante tempo atrás, ela já era mais velha que todos nós, e ela ofereceu pra mim e pro Alex Cortes, [?] esse emprego. Eu trabalhei na escola Odete Sampaio e ele trabalhou no Jean Piaget que era do mesmo dono, que era o Oto Sampaio, político até hoje lá de São Gonçalo, bastante conservador. E eu fui pra lá com a cara e a coragem, no segundo período, achando que não devia, mas achando que eu não tinha saída, porque ou eu fazia isso ou eu largava a faculdade, é, e fui, encarar, a Elizete disse, não você vai pegar uma turma de quinta série, que é mais fácil, tal. Mal sabia eu que não era exatamente mais fácil, mas tudo bem. É, fui pra turma de quinta série, na semana seguinte me deram uma sexta série, no mês seguinte me deram um terceiro ano de segundo grau, e que eu me recusei, mas eles não, não, foram intransigentes, a coordenação da escola, o dono da escola, me apresentaram como se eu tivesse trinta anos, eu tinha dezenove, é, não, tinha, tinha, vinte, não, dezenove, não, vinte, vinte anos. Me apresentaram como se eu tivesse trinta anos, era uma turma de seis alunos, sete alunos, e foi uma doidera, foi uma doidera. Eu obviamente abri pra eles logo depois, no segundo semestre de aula eu abri pra eles que não era, que aquilo tudo era mentira, contei pra eles, olha se vocês acharem eu não tenho, eu não fico, eu vou embora, continuo dando aula pra quinta e pra sexta série mas pra vocês não, e aí a turma de uma certa forma pediu pra que eu continuasse e eu me mantive. Eu dei aula lá por três anos. Três, quatro anos, até que eu não agüentei as contradições das minhas provas censuradas, etc.

[Chegou na sala um estudante bolsista da professora Virgínia]

Nina: Quer dar uma paradinha?

Tarcísio: [para o estudante:] deixa só eu te explicar...

[A entrevista foi interrompida e o gravador foi desligado, para que o Tarcísio explicasse ao estudante o que estava acontecendo. Ao retomar a entrevista o gravador apresentou um problema, mas logo retornamos]

Nina: Você tava falando, é, de quando você começou a dar aula.

Tarcísio: Sim.

Nina: Aí, que eu queria te perguntar: você lembra da sua primeira aula, como é que foi... o que que você sentiu...

Tarcísio: Tem uma aula, que eu não lembro exatamente se é a primeira, ou se já é a segunda, porque, é, tinha uma, na primeira aula que eu tentei fazer alguma coisa de

dinâmica pra conhecer os alunos, daquele tipo, é, historinha, pra um completar a história do outro, você começa, pede pra alguém contar uma história, eles tão em grupos e dividem e tal, tinha uma coisa dessa. Mas a minha primeira experiência que eu lembro com mais, é, com mais, é, clareza, foi de que eu tava dando alguma aula sobre colonização do Brasil, tal, e no texto do livro, alguma coisa que eles tavam lendo, tinha referência ao mercantilismo, embora não explicasse o que era mercantilismo, e aí um aluno obviamente perguntou o que é mercantilismo e eu respirei fundo porque eu não sabia o que era o mercantilismo, ou na verdade, eu achava que não sabia pra explicar pra aquele menino de sexta série, se eu não me engano. E eu falei assim: “ué, mas vocês não sabem o que é mercantilismo?”, meio que na tentativa de sair, e um outro aluno me salvou dizendo: “ah, a professora Elizete deu isso no mês passado!”, porque eu tava substituindo ela, ou deu isso no ano passado, alguma coisa assim, eu falei, “ah, se ela ensinou vocês tem que saber, quem é que sabe o que que é mercantilismo?”. Ninguém respondeu e eu passei uma pesquisa pra casa sobre o mercantilismo, enquanto eles pesquisavam [risos] eu preparava uma aula, pra poder dar um jeito nessa história, então a primeira experiência que eu lembro até hoje disso é essa experiência com relação à questão do mercantilismo nessa turma de, de sexta série, que tinha inclusive o filho do dono da escola na sala, entendeu, o filho do dono da escola, é, e era, era complicado, foi uma experiência assim, de nervosismo imenso. Mas que foi sendo vencido, foi sendo vencido.

Nina: E pra, depois a gente volta pra essa questão da, da aula. Mas como é que você avalia, assim, que foi a sua formação durante a graduação, né, em História aqui na UFF?

Tarcísio: Olha, eu passei a graduação inteira brigando com o curso, brigando com a, porque nós éramos a turma, era a segunda turma cobaia do novo currículo, do currículo que, é, que abria mão, exatamente o currículo que estabelecia essa história dos eixos, essa história da monografia obrigatoriamente, de você não poder se formar só na licenciatura, mas ter que se formar obrigatoriamente nos dois, licenciatura e bacharelado, tal, é, e nós avaliávamos, que era uma crítica da experiência que a gente tava vivendo, de que o curso não nos prepararia pra ser professores, né, ele nos prepararia apenas pra ser pesquisadores, e isso era ruim, já que a realidade de 99% dos alunos seria a realidade de professor. Apesar dessa briga o tempo inteiro, e aí na verdade a percepção disso, e até a divulgação disso pelo movimento estudantil nos fazia buscar cursos mais genéricos, na medida do possível, porque a gente enfrentou um problema de falta de professor, de falta de oferta de disciplina bastante grande, a gente tentava suprir essa história, apesar disso acho que a formação foi muito boa. Acho que o curso, depois eu vim me convencer de que essa relação entre ensino e pesquisa efetivamente é uma relação necessária, né, de que é necessário aprender a pesquisar pra preparar aula, é, aprender a pesquisar inclusive na bibliografia secundária, é, é preciso aprender a lidar com fonte primária pra dar aula, isso o curso me ensinou. Então eu acho que a formação, minha formação na graduação foi uma formação muito boa, com os limites da falta de, de oferta de disciplina, de cursos muito monográficos, é, de tá fazendo uma graduação e trabalhando ao mesmo tempo, mas são limites que teria em qualquer outra universidade também, né. Eu nesse sentido acho que a formação foi muito boa, apesar de ter passado a vida inteira dizendo que, ah, o curso inteiro dizendo que não é, que não tava sendo boa.

[problema com o gravador]

Nina: Tá acontecendo alguma coisa estranha aqui... [gravador foi desligado]

CD 01 – Faixa 05

Nina: Acho que agora vai. Então, vamo voltar. É, fala um pouquinho do seu mestrado. Como é que foi que você ingressou no mestrado, depois que...

Tarcísio: Bem, no final da graduação, já no, no, quase no final da graduação, eu achei, eu, eu achei que o tema do Contestado, que acabou sendo o tema do mestrado, era um tema que merecia pesquisa, né, só que, por conta da história de terminar a graduação, muitas matérias, é, etc, eu acabei optando por fazer monografia em cima da minha bolsa de pesquisa, coisa normal entre todos nós por aqui. E achei que então o Contestado viraria o tema pro mestrado, é, optei entrar, eu demorei um ano, né, que aí eu tava na verdade começando a dar aula em escola pública, trabalhando, etc, esperei um ano, em que eu não vi o processo de seleção, e tentei logo o processo de seleção seguinte, em que acabei entrando pro mestrado, é, e fiz o mestrado como é agora: corrido, né, com a pesquisa de ir em arqui... com pesquisa em arquivo, mas uma pesquisa muito menor do que deveria ter sido feita, trabalhei o mestrado inteiro também, o que dificultava algumas coisas, é, e foi ótimo, foi ótimo enquanto experiência, é, de conseguir ter um tempo, de ter uma obrigação de trabalhar só com pesquisa, isso é algo também impagável pro mestrado, é um momento em que você consegue estar mais seguro e mais ciente do que você tá produzindo, de tá pesquisando, de tá escrevendo, de tá produzindo intelectualmente, então aí eu acho que isso é importantíssimo.

Nina: Você teve bolsa durante o mestrado?

Tarcísio: Tive bolsa. Dizer que teve bolsa e trabalha é um problema, mas eu tive bolsa e trabalhei. [risos]

Nina: Não, mas acontece, né. [risos] É bem normal. É, e quem foi seu orientador, como é foi a escolha do orientador?

Tarcísio: Foi a Márcia Mota. A Márcia Mota costuma dizer que foi ela que me escolheu, porque a gente tava num papo aqui com o Gledson, que também foi meu contemporâneo aqui e hoje é liderança nacional do MST, setor de formação do MST, e tá até inclusive querendo voltar pro mestrado agora, mas na época a Márcia orientava o Gledson num trabalho sobre trabalho escravo em Campos, é, e eu tava num papo com o Gledson, chegou a Márcia, a gente começou a conversar e eu falei pra Márcia que eu tinha vontade de estudar, nesse primeiro contato era estudar a CPT, Comissão Pastoral da Terra, e a Márcia ficou empolgadíssima, porque eu falei umas coisas pra ela, “não, vamo sim, eu quero, se você não tiver orientador, vamo, tal”, e eu topei. Então, a Márcia brinca, e foi um pouco esse o papo, porque aí eu tava entrando alguém que tava discutindo questão de terra, tava muito interessado em discutir questões em torno da questão agrária mais contemporânea, naquele momento ela tava chegando perto disso, e que a gente começou o contato, e aí eu acabei tendo a bolsa de PIBIC com ela, né, o que ajudou muito o contato a partir daí, e pro mestrado também era isso, porque tinha haver com o reconhecimento inclusive de que a Márcia trabalhava questão agrária no século XIX de um jeito que eu achava brilhante, muito importante, e aí eu, eu na verdade resolvi embarcar do ponto de vista teórico era o que achava mais interessante naquele momento pra discutir o Contestado, e acho que fiz a escolha certa.

Nina: E a defesa da dissertação?

Tarcísio: Olha, a defesa foi interessantíssima. É, interessante porque tava na banca a Márcia Mota, a Leonilde Medeiros, do CPDA e a Sônia Mendonça, é, e, é... o que que aconteceu, meu filho, o Vicente, tava pra nascer, é, na época que eu tinha que defender. Então na verdade eu entreguei a, as cópias da dissertação pra banca, tal, pro departamento, e fui cuidar de pintar o quarto do Vicente, de preparar bolsa pra ir pra maternidade, de dar conta das questões que tinham haver do final da gestação da Gabriela e esqueci, que eram quinze dias entre a entrega e a defesa, e na véspera fui retomar as coisas pra escrever, é, então fui fazer a defesa, é, falei bastante, acabei apontando alguns problemas que tinham, adiantando o que eu seria cobrado, tanto a Leonilde quanto a Sônia disseram isso na defesa, e teve um

momento chave na defesa, que foi o momento em que a Sônia Mendonça virou pra mim e falou assim, “me convença do que você falou tem sentido”, que eu acho que até hoje eu tô tentando resolver essa pergunta, responder essa pergunta pra ela. Foi um momento em que eu tremi, é, era o, era a pergunta de uma pessoa que eu reconheço enquanto uma intelectual importantíssima pra história brasileira, pra, na, no campo da história, da historiografia aqui no Brasil, e me perguntando daquele jeito. Mas eu acho que no final foi muito bom, eu acho que eu tentei conseguir responder na medida do possível, é, a Márcia Mota, como minha orientadora foi extremamente carinhosa, inclusive de, me senti extremamente lisonjeado, da forma como ela tratou da própria pesquisa, da forma como, e não me parecia apenas o elogio da orientadora, me parecia de alguém que tinha reconhecido no meu trabalho um esforço, é, interessante, então foi um ótimo momento, assim, um momento que teve tensão, mas que foi muito, que terminou muito feliz, eu defendi na segunda, na quinta-feira nasceu o Vicente. Então... [risos]

Nina: Legal. [risos]

CD 01 – Faixa 06

Nina: É, qual foi a, que você considera, assim, seu primeiro emprego?

Tarcísio: Meu primeiro emprego?

Nina: É.

Tarcísio: Ah, eu trabalhei de, de, de lixador numa marcenaria, é, eu tinha lá meus treze pra quatorze anos e trabalhei meio expediente, é, na oitava série, quatorze anos, é, meio expediente, foi quatorze, na metade do, tal, e comecei a trabalhar lixando, fazia uns cabidinhos de madeira, negócio de torneiraria, que, tal, e eu aprendi até a fazer depois, mexer com torno, com formão, tal, mas foi muito pouco tempo, porque aí veio a crise lá daquela história da Zélia Cardoso de Melo, da, do saque da, do confisco da poupança, o meu patrão ficou completamente sem dinheiro, demitiu todo mundo e, é, eu fiquei seis meses sem trabalhar, aí tinha uma professora da minha escola, essa ainda no primeiro grau, e já tava no final da oitava série, o marido era protético, e falou olha, tava precisando de um ajudante, logo no início do ano seguinte eu comecei a trabalhar no laboratório de prótese, aí eu fiquei três anos trabalhando num laboratório de prótese. Meus primeiros empregos são assim.

Nina: E como é que era esse trabalho lá no laboratório de prótese?

Tarcísio: Ah, no laboratório era interessante. Porque é, éramos a princípio três pessoas, depois veio mais um, que foi até eu que indiquei, o Rogério, que estudava comigo nessa escola do estado, é, então éramos quatro pessoas, uma, uma relação de amizade bastante grande que foi se construindo, tal, tinha o Ricardo, que era o patrão, que era o dono e que, obviamente detestava ser chamado de patrão, é, o Adriano, que era um cara um pouco mais velho, que já tinha terminado o segundo grau, mas que não, não tinha feito faculdade, é, e que era uma pessoa ótima e a gente criou um vínculo de amizade entre nós quatro, mas principalmente os três, tirando o dono do laboratório, e gente saía do trabalho, ia tomar um chopp, ou um café, na época eu não bebia, então era mais tomar um café, e [telefone] criamos uma relação de amizade bastante forte, ouvíamos muito bossa nova. Trabalhar a gente trabalhava também, mas é porque isso era mais importante, acho, tinham duas horas de almoço, então dava tempo de estudar, era um trabalho bastante tranquilo, ganhava pouco, mas era um trabalho bastante tranquilo com relação a isso, só era complicado, por exemplo, na época de natal, que as pessoas fazem mais dentaduras e consertam mais os dentes, o trabalho era enlouquecido, de ficar correndo de dentista em dentista até as sete horas da noite, de às vezes perder aula, e tal. Mas tirando isso, durante o resto ano era um trabalho super tranquilo, interessante.

Nina: E qual era a sua função exatamente, era...

Tarcísio: Ah, era múltipla função. A função inicial era só entregar, eu tinha que pegar as coisas prontas e levar no dentista, é, o trabalho pronto. Com a chegada do Rogério, que passou a fazer essa função, aí eu fazia outras coisas, é do tipo colocar gesso no molde, é, preparar algumas coisas, coisas técnicas que se hoje eu tivesse que fazer eu não teria a mínima noção de fazer, mais pra fazer isso, então era, além da limpeza do laboratório, a gente tinha que passar o pano ou encerar, é, limpar as máquinas todas, fazer a coisa toda do serviço de limpeza dessa história toda.

Nina: E, só pra voltar um pouquinho. A experiência lá de lixador de marcenaria, fala um pouquinho dela.

Tarcísio: Ah, essa era mais complicada, porque assim, eu era ainda muito moleque, trabalhava em meio expediente, e aí era talvez um trabalho mais duro, você passava o tempo todo lá, pegando madeira, lixando, comendo poeira, se sujando de óleo, se sujando de serragem, foi a única, a única experiência como operário mesmo, né, que eu tive na vida, minha família é toda de operários, mas a única experiência que eu tive foram esses poucos meses, seis, sete meses que eu trabalhei nesse esquema, era mais duro, embora também tivesse lá, sabe, é, a coisa de tá, muita, é, sacaneando muita, uns aos outros lá as pessoas, de brincar, aquelas brincadeiras que você tem normalmente em fábrica, tal, era um, um, também uma experiência, foi uma também experiência muito interessante, embora tenha sido muito efêmera.

Nina: E nessa época de adolescente você ajudava em casa, financeiramente? Como é que era essa relação?

Tarcísio: Na marcenaria, é, menos, porque o salário era muito pouco, trabalhava em meio expediente, trabalhei com expediente inteiro muito pouco tempo. É, no tempo do, do laboratório sim, eu ajudava em casa, não tinha uma quantia fixa, mas era ajudar nas compras, no pagamento de alguma conta, em alguma coisa, embora no final das contas acabou servindo muito mais pra eu ter as minhas coisas, porque se em casa dificilmente eu conseguia ter o tênis que eu queria, ou alguma outra roupa, alguma outra coisa que eu queria ter, trabalhando eu passei a ter essa possibilidade, de ter algumas coisas que eu gostaria de ter e não tinha, porque meus pais não tinham condição de me dar.

Nina: E não tinha contrato de trabalho... [Tarcísio: Não...] ... em nenhum dos casos.

Tarcísio: ... em nenhum dos casos.

Nina: É.. você...

Tarcísio: O que vai fazer eu me aposentar mais tarde do que eu devia, porque eu já trabalho mesmo [risos] desde... [Nina: Desde novinho.] ... desde os quatorze. [risos]

Nina: E depois disso, do trabalho lá no consultório dentista...

Tarcísio: Aí eu já vim pra cá. Aí eu já vim fazer faculdade e essa história de ter a bolsa treinamento e o Odete Sampaio lá, a escola, né, nesse meio do caminho fiquei seis meses mesmo sem trabalhar, foi no primeiro período, e que eu vinha pra cá pra UFF de manhã, almoçava no bandejão e ficava até a tarde, sem trabalhar, aí era, aqui o tempo inteiro.

Nina: E você disse que você trabalhou durante a graduação. Era dando aula e pesquisando.

Tarcísio: Dando aula e a pesquisa.

Nina: Aí sempre na sua área... [Tarcísio: Sempre na minha área...] ...de História?

Tarcísio: Sempre na minha área, ou, quer dizer, na FIOCRUZ era arquivologia, né, é, tinha época em que eu tava trabalhando, é, eu trabalhava em São Gonçalo e na FIOCRUZ e estudava aqui, era mais ou menos, mais complicado foram esses momentos. Eu logo depois também comecei a trabalhar numa escola lá em Botafogo, embora nunca coincidissem os dias, é, com a escola de São Gonçalo.

Nina: E agora, é, nessa escola em Botafogo você, como é que foi?

Tarcísio: Ah, na escola em Botafogo, eu não lembro nem como é que eu cheguei lá, ah, foi uma, uma professora de lá que dava aula no Odete Sampaio, dava aula em Botafogo e tal, mas que tava mudando, abandonando tudo, perguntou se eu não queria assumir, eu fui, fiz uma entrevista, também esclarecendo que eu ainda era aluno de graduação, e tal, a dona da escola, a coordenadora Regina, é falou que não tinha problema, eles tinham até outros professores nesse caso, tinha uma história de registro provisório, uma, uma figura jurídica que eu acho que nem tem mais, é, mas que permitia que eu tivesse dando aula lá, e aí eu comecei a trabalhar, numa escola interessante, porque era uma escola de turmas muito pequenas, escola, eu tinha turmas com quatro alunos às vezes. Mas não por exatamente opção da escola, não era uma opção pedagógica, era porque uma escola em Botafogo, não era das escolas mais procuradas em Botafogo e acabava absorvendo os alunos que davam errado nas escolas tradicionais de Botafogo, que eram expulsos, que eram, eram, que não, não conseguiam passar de ano, tinham problemas de disciplina, então nós pegávamos esse grupo de dávamos, jogava pra frente, e, é, só que tinha coisas interessantes, isso dava, dava pano pra manga, você ter que montar uma aula pra quatro alunos, significava ter que montar outras estratégias, várias coisas, de lidar com alunos que, que na verdade não estavam nem aí pro estudo mesmo, grande parte de alunos com problemas familiares de classe média, de pais que se separaram, e que brigam, que não moram nem com o pai, nem com a mãe, é, e, é, era uma experiência interessante como é que saber disso era importante pra escola, a Regina, essa coordenadora, sabia te dizer a história familiar de quase todos os alunos que, que estavam lá na escola, se ela não soubesse era porque o aluno era novo, ela brevemente saberia. Então tinha uma, uma situação interessante, lá eu acho que eu aprendi outras coisas, né, a lidar com esse tipo... Enquanto em São Gonçalo as turmas eram imensas, é, lá eu aprendi a trabalhar talvez com grupos menores, e com, uma escola com outro perfil, né.

Nina: E você deu aula nessa escola de Botafogo e na de São Gonçalo até quando mais ou menos?

Tarcísio: Até entrar pro estado e pra... Não, na de São Gonçalo eu fui demitido três anos depois. Eu dei aula lá em 96, não, 94, 95 e 96. 94, 95, 96. É, em Botafogo eu trabalhei 96, 97, 98 e a primeira metade de 99. De Botafogo eu saí quando eu passei, é, quando passei no primeiro concurso público em Itaguaí, já não dava mais pra conciliar o tempo e aí eu pedi demissão, e em São Gonçalo eu fui demitido. Nesse meio do caminho ainda pintou um curso pré-vestibular. Quando eu saí de São Gonçalo, é, depois de ter saído de São Gonçalo, pintou um curso de pré-vestibular, que aí foi através de anúncio de jornal, tive que dar uma prova de aula, tal, e aí eu acabei trabalhando num curso pré-vestibular na Penha, e eu trabalhava às vezes de manhã, às vezes de noite, já tava no finalzinho da graduação, e mesmo depois de ter terminado a graduação eu trabalhei lá por mais seis meses, eu trabalhei lá dois anos, eu acho.

Nina: E como é que era nessas experiências que você teve durante a graduação, a sua relação com os outros professores desses colégios?

Tarcísio: É... eu acho que era uma relação de, de, de amizade num primeiro momento. Eu tive poucos conflitos entre professores nesta época, né. Eu acabava respeitando muito. Tanto em São Gonçalo quanto em Botafogo tinham professores que estavam há vinte anos dando aula, trinta anos dando aula, e eu procurava respeitar bastante, embora discordasse às vezes de algumas posições, nessa época era muito difícil de se colocar, porque eu era efetivamente muito novo, estava na graduação, as pessoas sabiam disso, e portanto eu tinha o maior receio de me colocar pra discordar de alguma coisa, e acho que isso gerou menos conflitos. Então criavam-se relações do tipo de às vezes até sair com alguns professores dessas escolas, principalmente em São Gonçalo, tal, alguma relação mais ou menos de amizade, é, mas eu não lembro de mais nada que tenha sido significativo além disso, né,

além dessa coisa. Esse cursinho na Penha foi o que eu menos criei relação, quer dizer, porque aí era também mais longe, as pessoas, embora lá que fosse, fossem todos muito novos, todos recém formados, ou ainda pra se formar.

Nina: E com a direção de cada escola?

Tarcísio: Ah, com a direção de São Gonçalo eu meio que já falei que eu acabei sendo demitido por, por conta de censura de prova, tal. A direção lá de São Gonçalo era um negócio meio complicado, primeiro eles eram meio inacessíveis, tinham, as coordenadoras, a... eu vou esquecer o nome das duas agora, só de brincadeira, mas tinham duas coordenadoras que faziam o papel, faziam a intermediação, e os donos da escola, o Oton Sampaio e a esposa dele eram mais inacessíveis, apareciam em reuniões gerais da escola, etc e tal. Então os conflitos ficavam meio apagados na mediação que essas coordenadoras faziam, embora eu soubesse... tinha um contato com o Oton Sampaio, toda a quarta-feira ele fazia um discurso pra escola, onde cantava-se o hino, a escola inteira formada em fila e os professores tendo que assistir, e ele fazia o discurso, normalmente quando eu entrava na turma de terceiro ano eu destruía todo o discurso que ele tinha feito pra turma, né, então era uma relação conflituosa nesse esquema, mas que havia uma distância maior. A, a dire... a dona da escola lá de, de Botafogo, é impressionante como ela é, é representativa até nesse negócio de sindicato patronal, é, sindicato patronal das escolas do Rio, mas era uma pessoa extremamente respeitosa e respeitável, eu nunca tive muitos conflitos com ela, apesar de o tempo inteiro ela deixar claro a posição dela, que ela era patroa, né, ela era alguém que não procurava ser, se fingir, não, ela claramente se colocava como patroa. Por que que eu tô dizendo isso; tinha uma pessoa, um diretor do SINPRO nessa escola, e ele inclusive falava com muita, assim, dizendo que ela era uma pessoa com a qual deveria se respeitar, não era uma pessoa desonesta, não era uma pessoa hipócrita, e a relação com ela era uma relação tranqüila, não tiveram relações muito, muito conflito, não.

Nina: O que que é o SINPRO?

Tarcísio: SINPRO é o Sindicato dos Professores Particulares.

Nina: E você...

Tarcísio: Cheguei a ir a algumas assembléias, é, me filiei muito tardiamente, logo depois eu vou sair das escolas particulares, então não cheguei a ter participação, eu fui a algumas assembléias, principalmente no meu último ano de trabalho lá, e aí não cheguei a ter muita participação no SINPRO, não.

Nina: Isso você ainda tava na graduação, ou já tinha se formado?

Tarcísio: Acho que [na época?] das assembléias eu ainda tava na graduação.

CD 01 – Faixa 07

Nina: Hoje em dia você dá aula no estado, né, em colégio do estado?

Tarcísio: Dou aula no colégio do estado.

Nina: Como é que, como é que você entrou lá? Como é que foi?

Tarcísio: Concurso público. Eu dei a sorte de que no último, no primeiro, no final do ano da minha graduação, na verdade eu era pra ter me formado no meio do ano, mas pro causa da greve a formatura, a gente terminou no final, novembro, se eu não me engano, de 98. Então logo no final de 98, início de 99 abriram vários concursos. E eu fiz todos que apareceram pela frente, né, é, eu, um dos concursos que eu acabei fazendo foi o concurso do Estado. É, eu passei no concurso, o concurso foi dezembro, janeiro de, dezembro de 98, janeiro de 99, eu comecei a dar aula lá em julho de 99. E dei sorte também, porque eu fiz pra metropolitana III, que hoje é metropolitana X, que é centro, é quase o município do Rio todo, é, tirando zona oeste mesmo, mas era quase o município do Rio todo. E eu consegui uma escola no Leblon, que era relativamente perto de onde eu tava morando, eu era Laranjeiras, era a coisa mais

próxima possível. Eu dei sorte que duas pessoas não foram escolher escola e essa escola acabou pintando pra mim. E eu tô lá desde aquele momento, né, de uma certa forma porque eu ainda acredito que seja uma escola onde há espaço pra fazer um trabalho e por outro porque não pintou uma oportunidade de nada mais perto, de nenhuma outra proposta melhor.

Nina: Me fala um pouquinho da escola, como é que é.

Tarcísio: Minha escola, é, chama colégio estadual Antônio Maria Teixeira Filho. Ela é uma escola de ensino supletivo, e quando eu entrei lá ainda tinham turmas de primeiro grau à noite, de senhoras e senhores, é, com uma idade bastante avançada, obviamente uma parte deles, que ainda estavam na quinta série, eu cheguei a pegar uma turma de quinta série, ainda havia uma turma na quarta série quando eu entrei na escola. Então é uma escola que quando eu entrei ainda tava nessa transição de escola supletivo a noite pra escola de ensino médio regular, até hoje essa transição não acabou, acaba no ano que vem, que a gente forma a última turma de oitava série. É... é uma escola que é interessante, que como ela está no Leblon, ela acaba conseguindo juntar um grupo de professores que, até por conta de tá morando próximo, de ter ou já ter tido na sua história algum acesso maior à cultura, etc, ou que se formou em universidades públicas, tem potencialmente professores muito bons, né, é, tem uma chance de não ter faltando professor, porque tem sempre professor procurando escola naquela região, porque trabalha em escola particular naquela região também e tal. Mas é uma escola que não tem projeto pedagógico, uma escola que nunca teve, acho, projeto pedagógico de verdade, é, quando eu entrei lá você tinha essa duplicidade, já algumas turmas de ensino médio, eu entrei lá pra dar aula especificamente à noite, é, e essas turmas de senhoras, tal, que também não tinha nenhuma proposta pra elas, né, não tinha nenhum tipo de, era só a coisa de tá ensinando o que desse pra ensinar e dá o diploma, e passando, dá o diploma no final das contas lá nesse tipo de situação. É, é uma escola que não tem pátio, é uma escola que foi, ela foi construída pra ser [CES?], e nessa história do estado não construir mais escolas ela foi transformada em ensino supletivo e agora em ensino regular sem nenhuma reforma que atendesse essa diferenciação de forma, então é uma escola que não tem pátio, é uma escola não tinha refeitório nem cozinha, foi construída uma precariamente no ano passado, né, e que tá, no final do ano passado e que tá funcionando esse ano inteiro, e é uma escola que recebe alunos do Vidigal e da Rocinha mas também de Rio das Pedras, e também de alunos que trabalham em Ipanema, no Leblon, na Barra e que moram nos mais diferentes locais possíveis, tem gente às vezes até da Baixada, que trabalha por ali, que vai depois de dez horas da noite pra lá, então é uma escola que, que, que, tem conflitos por conta de todas essas questões, conflitos por não ter projeto pedagógico, isso na verdade acaba gerando conflitos entre professores que gostariam que tivesse, é, conflitos porque tem professores que vêem o estado como bico mesmo, que vêem o estado como complemento do seu, do dinheiro que você ganha na escola particular e que pra isso acabam dando pouquíssimas aulas, não preparam aula, não preparam atividades, e acabam gerando conflitos com os alunos. É uma escola que, por exemplo, nesse último ano passou por um problema por conta dos seguidos tiroteios entre Rocinha e Vidigal, é, você teve uma evasão maior dos alunos, esses conflitos vieram pra escola, é o primeiro ano que a escola tá pichada de CV e ADA por toda a escola, por conta das facções, né, que tão lá em guerra, é uma escola que essa relação de violência tá entrando nela. Mas é uma escola com potencial muito grande. Não sei, eu acabei falando de várias coisas.

Nina: Legal. E você é professor também do município, né? De Caxias.

Tarcísio: Município de Caxias.

Nina: Como é que você ingressou lá?

Tarcísio: Também num concurso público, também em 99. O concurso público foi depois do estado, mas me chamaram antes. É, eu entrei no concurso, fui pra uma escola chamada Minas Gerais, que era uma escola, não era tão distante do centro de Caxias, mas não é no centro, tem que pegar mais um ônibus a partir do centro de Caxias. Uma escola de comunidade, quando eu entrei uma escola que tava caindo aos pedaços, eu passei a trabalhar nela quando ela passou por uma reforma, é, que pegava uma população, e que pega uma população extremamente pauperizada, extremamente pobre, com situações complicadas, do tipo da, daquele tipo de escola que você pega o aluno que vai lá pra merendar, desde o primário tá lá pra fazer isso. Uma escola com problemas sérios de disciplina, que não consegue, também porque não tem um projeto pedagógico claro, construído pela escola, as coisas vêm por cima, vem pela secretaria de educação, é, e acaba cada vez mais alunos em sala de aula, mais alunos em sala de aula, é, com uma direção indicada pela secretaria, sem nenhuma democracia, é, uma escola que tem uma separação, tinha uma separação enorme entre professores de primeira a quarta e de quinta a oitava, não havia qualquer diálogo entre eles, é, havia por exemplo os professores de quinta série o tempo inteiro culpando os professores de primeira a quarta série porque os alunos não aprendiam nada, quintas séries que reprovavam absurdamente, com índices de reprovação enormes, apesar das insistências da secretaria, de que tentam fazer com que os índices baixem pra melhorar as estatísticas, havia uma exclusão enorme nas quintas séries por conta dessa relação. Foi uma escola que eu acabei travando algumas batalhas de conselho de classe, de reunião pedagógica, porque aí já era um outro momento onde dava pra tá colocando as idéias pra fora, dava pra tá pensando junto com uma ou outra orientadora pedagógica educacional, em que o diálogo era mais fácil, com um professor de matemática que eu fiz amizade lá e que era alguém do ponto de vista pedagógico extremamente progressista, a gente conseguiu construir algumas coisas, mas acabavam sempre se esbarrando na falta de recursos, falta de projeto, na falta da própria escola comprar essas coisas como importantes e tal, né. Uma experiência rica nesse sentido também, né. E fiz, tem, tem alunos e alunas que me encontram em Caxias até hoje e que falam comigo, e que passaram tendo aula da quinta até a oitava série com os mesmo alunos e eram ótimos, isso do ponto de vista da relação com os alunos também tinha esse lado muito bom.

Nina: Você falou do professor de matemática. Como é que costuma ser sua relação com os outros professores nessas duas escolas?

Tarcísio: É, no estado, quer dizer, em Caxias eu não tô mais nessa escola, mas no estado, é, eu acabei encontrando um grupo de professores nessa escola do estado bastante interessante, né, primeiro à noite, eu, pessoas que a gente ainda sai, tal, pessoas que a gente conseguiu iniciar a montagem da área de história, um grupo de história que pensasse currículo, pensasse propostas, pra tal, então essa era uma relação bastante interessante, e depois eu fui pra de manhã e encontrei outros professores que já tinham história na escola, de português, de geografia, e que a gente consegue fazer umas coisas interessantes na escola. Então a relação é sempre uma relação de encontrar parceiros pra algumas coisas. Mas é também uma relação de conflito, né. Conselho de classe é sempre uma instância que os conflitos aparecem, por exemplo, quando nessa escola de Caxias, por exemplo, defendiam a reprovação de um menino pela quinta ou sexta vez que ele ia ser reprovado na escola, e eu dizendo que ele tinha ser aprovado, e aí você compra briga porque os professores que querem reprovar esse aluno tão muito mais preocupados com a sua própria autoridade do que com o que o aluno tem ou não tem que aprender, e você tem que dizer isso pro professor e ele se sente ofendido, e os conflitos aparecem, então, assim, é, de criação às vezes no caso dessa escola em Caxias, até de algumas inimizades por conta disso, por conta de alguns momentos você ter que questionar a, a postura de um ou outro

professor. Embora também tenha criado, nessa escola de Caxias, passei bastante tempo lá, e até às vezes porque a crise era da direção com um conjunto de professores, a gente saía pra tomar um chopp, discutir, articular e tentar fazer alguma coisa mais interessante. É sempre uma relação de que se constrói muitas amizades entre professores nas escolas, é, mas se constróem conflitos também.

Nina: E com seus alunos, como é que é a relação?

Tarcísio: Ah, eu adoro a relação com meus alunos. Eu não tenho, eu tenho na verdade nessa minha história de escola, eu tenho uma turma de quinta série que eu posso avaliar que a relação foi ruim. Porque foi uma turma em que eu não consegui trabalhar, era uma turma, com toda essa situação de exclusão social, era uma turma pequena até, tinham 17, 20 alunos, é, iam sempre 15, 14, mas é uma turma que efetivamente eu não consegui conquistá-los, né, assim. Mas normalmente a relação com os alunos é uma relação de, de, de que eles gostam das minhas aulas, eles... não são todas, obviamente, eu também não consigo dar todas as aulas do jeito que eles gostam, mas que normalmente a gente consegue tá brincando, tá trazendo alguma coisa, trazendo outra, mesmo nas aulas expositivas tentar tá tentando incentivar o tempo inteiro o debate, a participação, de respeito, né, e que acaba criando com os alunos alguma empatia, alguma coisa de, de empatia. Eu fui na verdade aprendendo nessa história desde, da época da graduação, o quanto você tem que usar de autoritarismo em alguns momentos e, mas, mas nunca largar o respeito por aquelas pessoas que tão lá, quer dizer, nunca fazer nada que seja injusto, que na verdade você consiga dialogar e explicar porque você tá tomando aquela atitude. Mas se lá no início não tinha essa segunda postura de que em alguns momentos você tem que utilizar mecanismos autoritários, é, isso tava fora de cogitação, não vou usar nenhum mecanismo autoritário, hoje esses mecanismos acabam aparecendo. Geram contradições, geram tensão, é, geram tensão toda vez que eu tenho que gritar com uma turma, que eu tenho que ameaçar tirar ponto, é, mas eles são utilizados, mas eu também tenho que compreender toda a história escolar que aqueles alunos viveram, e toda a estrutura que eles estão vivendo, é como eu tento me desculpar toda vez que eu tenho que abrir um diário e dizer que eu tô marcando o nome de um aluno porque ele atrapalhou completamente a aula. É muito mais no ensino fundamental do que no ensino médio. No ensino médio essa história de tirar ponto não passa, não uso isso, né, eu uso outros mecanismos de, às vezes ter que chamar a atenção, de tentar mostrar porque que, qual é a sacanagem que tá rolando, porque que eles tão atrapalhando a aula, de às vezes ter que pedir pro aluno sair da sala, embora eu nunca tenha expulsado, não na verdade em Caxias eu já expulsei, é, nunca tenha expulsado no ensino médio, mas em Caxias eu já tirei aluno de sala, já tive que brigar seriamente com aluno em sala. [pausa] Teve uma história, já que então, já que eu contei, que é a história do Josimar, de uma aluno dessas turmas muito complicadas de quintas séries, de uma 504 da vida, esses alunos que já foram reprovados várias vezes, e que eu cheguei a empurrá-lo e pressioná-lo na parede depois que ele tacou uma laranja na cabeça da merendeira, é, de uma senhora, a dona Euzira, tal, que representa pra mim tudo aquilo que, pô, ela é da comunidade, faz comida pras crianças a vida inteira e levou uma la... um bagaço de laranja na cara, que era do Josimar, que era um aluno meu, e que até hoje, depois quando eu encontrava com ele as relações são boas, mas que eu botei o dedo na cara dele e empurrei ele na parede, é, e fiquei malzão por causa disso. Larguei a escola naquela hora, voltei pra casa, chorei pra caramba, escrevi um texto de quase cinco páginas que eu dei pra direção da escola, voltei pra turma e passei uma aula tentando discutir e refletir com eles. Isso não desculpa a minha atitude de quase agressividade, de quase agressão nesse aluno, é, mas eu já tive esses momentos, porque eram momentos de tá vivendo muito, era um dia muito

complicado na escola, não era só o Josimar, era um dia muito ruim na escola. Mas isso é algo que acaba acontecendo às vezes também.

Nina: Você falou da merendeira. Como é que é a sua relação com os outros profissionais da escola, além dos professores.

Tarcísio: Eu acho que tem haver com a minha, com a minha história na, com a minha história nas escolas públicas, em que as merendeiras eram sempre pessoas muito boas, eram sempre pessoas muito legais, em que os funcionários das escolas sempre eram muito bons, e eu acabo tendo, tentando ter esse mesmo respeito, né, desde a escola pública lá de Itaguaí, que eu acabei nem falando nada dela, mas depois a gente de repente fala, até as escolas de Caxias, porque a escola do Leblon não tinha cozinha, não tinha refeitório, tal, é, a minha relação com as merendeiras foi sempre muito boa, até porque eu normalmente comia na, nas escolas, então, o tempo inteiro tá conversando, tá respeitando, tá brincando com elas, nessa, eu acho que eu até fiz, é, os funcionários dessa escola lá em Caxias gostavam muito de mim porque eu era, o tempo inteiro fazia questão de cumprimentar, de me despedir na hora de ir embora, tal, era uma relação sempre muito boa. São sempre pessoas ótimas. Apesar de hoje você já tá vivendo um processo de terceirização que na verdade retira o que tem de melhor dessas pessoas que é a relação que elas criam com a comunidade, com a escola. Como tá terceirizado, isso tudo vira, extremamente, há uma rotatividade muito grande, então a mesma merendeira que tá aqui no outro mês já é outra, isso quebra o que tinha de melhor nessa relação desses funcionários com a comunidade escolar.

Nina: Interessante... É... cê dá aula pra quantas turmas mais ou menos?

Tarcísio: Hoje? Bom, primeiro que hoje uma dessas minhas matrículas que é a de Caxias, eu tô de licença sindical, então não tô dando aula. Então hoje eu só tenho seis turmas no estado e duas turmas aqui na UFF, né, eu só tenho pouquíssimas turmas, né, acho que é o ano em que eu tive menos turmas pra trabalhar na minha vida. Porque tirando lá o primeiro ano que eu trabalhei com essas três turmas lá no Odete Sampaio, normalmente eu tenho de quinze, vinte turmas, né, na minha história, tal. Esse ano eu só tenho seis turmas de, de ensino médio.

Nina: Você falou da, do município de Itaguaí. Conta pra mim essa história.

Tarcísio: Ah, município de Itaguaí. Foi o primeiro concurso que eu fiz, é, um concurso complicadíssimo, mal organizado pra caramba, com uma prova horrorosa, mas que eu acabei passando, passamos eu e o Maurício, grande parceiro, grande companheiro também aqui da UFF, passamos nos primeiros lugares, eu e ele. E o Paulo Tenório, que também é aluno daqui, que o Paulo Tenório se não me engano ainda tá dando aula lá, orientando do Badaró, tal. É, então, na verdade eram sete vagas, das sete cinco foram de alunos aqui da UFF naquele concurso. E eu escolhi uma escola no centro de Itaguaí, uma escola respeitada, pública, mas respeitada, que recebe, recebia gente de todo município de Itaguaí até alguns alunos de Santa Cruz, com salas lotadíssimas, 45 alunos em sala de aula, dei aula, trabalhei com três oitavas séries, eu só trabalhei lá um ano, com as salas lotadas, mas também foi ótima experiência, assim. Era uma escola muito grande, uma escola muito central, muito visada pela secretaria, mas que a gente tinha uma grande autonomia pra trabalhar na sala de aula. Então assim, a minha experiência foi de um ano só, é, era muito distante, tinha o problema da distância mesmo, eu trabalhava lá duas vezes por semana, mas era um caos, tinha que chegar lá dez e meia, saindo de casa oito horas da manhã, e tudo isso era uma dificuldade muito grande que me fez com que eu tivesse que deixar assim que eu passei pra Caxias, assim que eu fui chamado em Caxias e no estado eu aí abri mão de Itaguaí, até porque não dá pra ficar com três matrículas, nem legalmente, nem fisicamente, era impossível. Nesse, nessa segunda metade desse ano eu tinha cinco turmas em Caxias, seis turmas no estado e três turmas em Itaguaí. Eu tinha cinco, onze, tinha cinco,

onze, quatorze turmas públicas. E eu ainda no início do ano ainda tava dando aula no tal de pré-vestibular na Penha, depois disso largou, não chegou a ter isso tudo, tal. Mas eram quatorze turmas em locais tão diferentes como Leblon, Caxias e Itaguaí, mas... Por isso eu tive que largar, no início do ano seguinte eu já não tava mais em Itaguaí.

Nina: Você vê, qual a diferença, você vê diferença, em dar aula no estado, num colégio do estado e num colégio... [Tarcísio: Do município?] ... do município, com Caxias?

Tarcísio: É, algumas diferenças, entre uma escola e outra sempre vai ter diferenças, mas algumas diferenças que tenham haver com essa coisa de serem escolas municipais ou estaduais, tem haver com a história da, do abandono das escolas estaduais nos últimos anos. Então na verdade o que que acontece nas escolas estaduais, é, você não tem investimento em infra-estrutura, você não tem investimento, mesmo investimento em novos professores, é, ficou muito tempo sem fazer concurso público, muito tempo sem chamar os professores. Os salários do estado geralmente são mais baixos, o que gera uma saída desses profissionais, então você tem uma situação nas escolas do estado que é oriunda disso. É de professores que estão desmotivados, você encontra nas escolas do estado professores muito mais, que tão há muito mais tempo na rede e estão frustrados, porque por um lado ganham mal apesar de estarem há muito tempo, não conseguiram fazer o que sonhavam, é, tão putos com o estado que continua sem, sem valorizar, encontram às vezes direções que são eleitas que eram, hoje não são mais, pela própria comunidade, que concordam com o esquema sacana de, de não fazer nada de muito concreto. Nas escolas do município, do município de Caxias, mas também lá no município de Itaguaí, você tinha uma carga de pessoas novas, o FUNDEF, né, o Fundo lá de Valorização do Ensino fundamental criado no governo Fernando Henrique, apesar de ter problemas, apesar de não ter significado um aumento muito grande de investimento, ele obrigou que as prefeituras investissem em educação, isso trouxe pra essas escolas pelo menos algum investimento em infra-estrutura, minha escola por exemplo em Caxias foi reformada, essa escola em Itaguaí durante o ano que eu trabalhei lá tava fazendo uma sala de informática, tudo isso é oriundo dessa injeção de dinheiro. E minimamente nas redes municipais, eu acho que talvez até porque se sentem obrigados, e porque também usam o dinheiro do FUNDEF pra isso, há uma discussão sobre projetos pedagógicos das redes. Isso gera, principalmente com as pessoas mais novas, algum gás novo pra se fazer coisas novas. Não é nenhuma maravilha, não são, né, não é maravilhoso, mas há um espaço de discussão e de produção de coisas novas nas redes municipais, daí eu acho que é melhor isso do que na rede estadual.

CD 01 – Faixa 08

Nina: É... você falou que tá de licença sindical lá no município de Caxias. Então queria que você me contasse como é que foi esse seu ingresso no movimento sindical.

Tarcísio: Essa história de ser da pastoral, depois ser do movimento estudantil tinha como consequência óbvia em algum momento tá percebendo como é que era a luta sindical, até por acreditar na luta sindical como uma luta maior dos trabalhadores, etc., eu sou trabalhador, eu tenho que tá vendo meu sindicato onde é que é. Então em Caxias eu comecei a participar das assembléias, como a gente sempre começa, de maneira em princípio muito tímida, sentindo como é que são as coisas, mas logo num segundo momento comecei a falar, quer dizer, a falar na assembléia, propor algumas coisas, é, aí vivi um processo, eu já era inclusive também professor do estado, é, de aproximação com as pessoas do sindicato, também porque eu passei uma greve no estado, e por mais que o estado seja aqui no Rio de Janeiro, no Leblon, eu encontrava as pessoas do sindicato em Caxias nas passeatas, e encontrava e conversava com elas, tal, e a gente aí em Caxias viveu um processo em que a grande disputa nossa de professores de quinta a oitava série foi

pelo cumprimento da LDB, que era o cumprimento do tempo de planejamento. Em Caxias quando eu entrei lá eu tinha que dar quinze aulas, eu fui contratado pra dar quinze aulas, e dava as quinze aulas em sala, é, o que era contra a lei, e a gente começou a pressionar, e aí eu, é, eu fiz uma proposta que passou numa assembléia, eu fui pra uma mesa de negociação com a secretaria de educação, nessa mesa de negociação a secretária apresentou uma conta que eu desmenti, então na verdade isso tudo foi, como, como no sindicato, é uma característica inclusive acho que não só em Caxias, mas que grande parte dos diretores do sindicato são de professores de primeira a quarta série, que normalmente quando entram de licença sindical então ficam liberados o tempo todo, diferente de nós professores de quinta a oitava série, que temos sempre outra matrícula e tal, né, como eu tinha um pouco mais esse contato com a realidade do professor de quinta a oitava série, tive um espaço, eu nem era da direção, tava numa campanha salarial nossa lá, numa data-base. É, isso fez com que eles me chamassem já no ano seguinte pra entrar numa chapa, eu recusei num primeiro momento, era um, era um momento ainda que tava no mestrado ainda, tava pra terminar o mestrado, tinha várias coisas, é, mas no ano seguinte... na eleição seguinte, dois anos seguintes... não tava pra terminar o mestrado, tava entrando no mestrado. Dois anos seguintes eu resolvi a entrar na chapa, eles me chamaram de novo, participei da eleição, que foi um dos momentos mais interessantes de conhecer a realidade das escolas de Caxias, eu percorri mais escolas naquela eleição do que eu imaginava, várias, variadas realidades possíveis, e aí resolvi entrar, apostar nessa história, então houve a possibilidade da licença sindical da rede municipal, entrei de licença e tô no sindicato lá, trabalho muito mais do que as quinze horas, toda semana, indo pra lá, indo pras reuniões, fazendo texto, discutindo, visitando escola, correndo escola, é uma outra história, mas é muito boa, eu tô muito feliz nisso.

Nina: E como é que é a organização do sindicato lá?

Tarcísio: Bom, o sindicato tem uma direção com dezesseis diretores oficiais, né, oficialmente colocados. Aí tem aquele tipo de divisão mesmo, do mesmo jeito de centro acadêmico, por exemplo, secretaria de formação, secretaria de assuntos educacionais, secretaria de gênero anti-racismo, secretaria de funcionário, tesouraria, coordenação geral, essas coisas todas, tal. Funcionamento, a gente tem uma reunião de direção, de cada, a cada quinze dias, no mínimo a cada quinze dias, em épocas mais complicadas é de semana em semana, e temos uma prática de tá minimamente conseguindo correr escolas pelo menos uma vez por semana, né, e tal. Não são os dezesseis que acabam conseguindo trabalhar, trabalham muito mais aqueles que têm licença sindical, né, e aí esses porque têm mais tempo pra tá dedicando à discussão, e aí a gente passa por uma, por uma dualidade que assim, ora você tem que tá, é, atendendo pessoas por questões, demandas particulares, explicar porque que não recebeu triênio, porque que não recebeu PIS, e que isso é inclusive um aprendizado muito difícil, que você tem que tá dominando o estatuto do funcionalismo, então é uma parte mais burocrática, importante, mas burocrática, é, e por outro lado você tem as discussões políticas, de tá o tempo inteiro alertando as pessoas no embate e no diálogo com o governo, seja no governo estadual, seja com o governo municipal, tá indo pros encontros de formação pra poder tá colocando uma visão crítica, tá denunciando os desmandos, é, e aí acaba tendo o tempo inteiro essas duas tarefas pra poder tá cumprindo, né, o tempo inteiro nessa história toda. É, a organização do sindicato em Caxias, né, na verdade é uma organização do sindicato que depois da eleição as direções elas são proporcionais, né, proporcionais de acordo com a votação que elas tiveram na base, sem nenhuma cláusula de barreira nem nada, o que gera em algumas realidades, como a direção estadual do Rio de Janeiro, isso eu não tinha falado, o SEPE tem uma direção estadual e depois direções de núcleo, eu sou diretor do núcleo de Caxias. Mas a direção estadual por exemplo em que muitas vezes a

briga pelo aparelho, a disputa pela hegemonia do poder no sindicato, acaba superando algumas dessas tarefas mais políticas, tal, mas em Caxias a gente tem uma, uma peculiaridade que é, de que é de ter de um mesmo grupo político a grande maioria da direção, que ameniza a disputa pelo aparelho. Então a gente na verdade tem a possibilidade lá em Caxias de tá atuando, a gente tem bas... tínhamos até mais, mas temos uma, uma quantidade razoável de licença sindical, acompanhado com essa, com a, com a luta menos fratricida, é, pela disputa do aparelho permite com que a gente acabe fazendo muitas coisas, né, então a gente, a gente fez um curso, por exemplo, sobre, sobre socialismo, sobre autores socialistas, Marx, Lênin, Gramsci, com a presença até de muitos professores aqui da UFF, e foi ótimo, durou meses, uma vez por mês, a gente tinha 70, 100 pessoas lá, a gente fez um caderno com textos com pessoas da área de educação, distribuimos mais de mil cadernos e as pessoas tão querendo mais, quer dizer, a gente tem em Caxias uma data-base da rede municipal que nos coloca o tempo inteiro dois meses o tempo todo nas escolas e que as pessoas vêm, percebem no sindicato um instrumento importante, mesmo que seja utilitário é o sindicato que vai brigar por um aumento maior, [telefone] por um aumento maior do que, é, do que a prefeitura tá mandando. Mas normalmente a gente consegue mesmo um aumento maior, isso faz com que a gente, com que nos reconheçam, então tem isso de estrutura toda. [para o estudante:] pra mim? [Tarcísio vai atender o telefone]

Nina: Vai lá.

[gravador foi desligado]

CD 02 – Faixa 01

Nina: Foi... Cê tava falando do sindicato [risos]. Aí deixa eu... pra gente ir retomando, começar com uma perguntinha: o que significa a sigla SEPE exatamente?

Tarcísio: Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação. Então ele é um sindicato dos professores e funcionários de escolas no Rio de Janeiro. Basicamente de escolas públicas, né, das escolas do estado e do município, embora tenham alguns professores de escola particular também filiados.

Nina: Então deixa eu ver se entendi. Porque você participa da direção do SEPE Caxias, município de Caxias. Mas isso, o, é, sindicato é estadual então?

Tarcísio: É estadual. É, porque a organização é assim: existe uma direção estadual, são 48 membros, é, muito pouco desses têm licença sindical, mas a direção tem 48 membros, a sede é no município do Rio, no centro do Rio de Janeiro. Aí, é, ele é dividido em direções regionais e de núcleo, por exemplo, o município do Rio tem quatro, oito, são nove regionais, então tem nove, o município do Rio é dividido em nove regiões, cada região dessa tem um, uma direção de núcleo. E os municípios, ou às vezes é um conjunto de municípios, de dois ou três municípios, forma também cada um deles uma direção. Então, por exemplo, a política mais geral pra rede estadual, por exemplo, é tirada na direção central do SEPE, e a gente no núcleo tem que implementá-la, é, sugerir também que a política seja essa, tal, participar da intervenção ou, é, as políticas das redes municipais são implementadas, são pensadas nos seus municípios, então tem coisas particulares do município de Caxias que na verdade a gente que acaba definindo, implementando e tocando adiante e etc. Então, a relação, existe uma autonomia dos núcleos que é relativa, né, o núcleo não pode, por exemplo, enquanto a direção central tira uma postura contrária ao Nova Escola, a denúncia de, de crítica ao Nova Escola, que é uma gratificação que os professores da rede estadual ganham, o núcleo não pode fazer o contrário, defender o Nova Escola, ou, etc. O núcleo tem uma autonomia que é pra propor, pensar, discutir, fazer assembleias locais, etc, mas existe uma instância maior que é a direção estadual do SEPE, principalmente pras políticas da rede estadual. A mesma coisa funciona, é, nos núcleos do município do Rio. Os núcleos têm autonomia pra

implementar algumas coisas, mas as políticas só podem ser pensadas na direção central do Rio.

Nina: Entendi... E qual é sua função na direção?

Tarcísio: Eu sou da secretaria de formação e cultura da direção de Caxias. Mas assim como no movimento estudantil, essas funções elas meio que se perdem na dinâmica, de que você vai assumindo posturas e papéis que na, a, que o dia a dia te impõe. Então eu já, na verdade eu já fiz tarefas que seriam próprias de uma direção, de uma secretaria de assuntos educacionais... até hoje eu só não assumi papel de tesoureiro, embora na época da greve dos bancários eu tive que descontar uns cheques na minha conta, fazer um montão de conta, mas tirando isso, você acaba interferindo, você pensa, é, a gente tem momento, um momento a cada semestre pelo menos, que é um seminário de planejamento em que a secretaria que você faz parte propõe o que o sindicato deveria fazer pra frente, né, então a gente vai e pensa isso, mas no dia a dia isso acaba assumindo múltiplas funções.

Nina: E... como é que é essa relação do sindicato com as bases mesmo, com os professores?

Tarcísio: Bom, primeiro tem um, um, uma crítica, uma cultura geral, ah, o SEPE não faz nada, né, é uma primeira reação que você tem, ou o SEPE devia fazer isso, ou o que que o SEPE vai fazer por isso, né, como se o sindicato fosse alguma coisa separada do restante da base, fosse ele próprio capaz de fazer ou de resolver os problemas de todos os profissionais. Tem aí também uma diferença entre a rede municipal e a rede estadual. Naquela esteira da rede estadual desgastada, frustrada, envelhecida, é, com muitas horas extras, tal, você tem uma resistência muito maior na rede estadual do que na rede municipal pra implementar as questões das políticas. É difícil hoje mobilizar a rede estadual até porque a gente passou no ano passado, é, no ano passado, teve uma greve que foi claramente derrotada. Uma greve que tinha todas as razões pra acontecer, nós tínhamos tido nosso salário reduzido, nosso 13º não tava pago, é, não tínhamos qualquer perspectiva de reajuste salarial pra aquele ano, entramos em greve no início do ano, o governo bateu duro, né, não cedeu em nenhuma negociação, acabou pagando o 13º parceladamente e isso significou uma grande derrota. Uma greve longa, de [duzentos e tantos?] dias, que não rendeu frutos, que as pessoas foram saindo aos poucos, que desgastou não só, que esse ano nós não entramos em greve, tínhamos de novo vários motivos, passamos mais um ano sem qualquer reajuste salarial, mas não conseguimos entrar em greve exatamente porque nossas assembléias acabaram sendo bastante esvaziadas. É, na, apesar disso, mesmo na rede estadual, o SEPE ainda tem alguma credibilidade pela sua história, quer dizer, como é um sindicato que tem 27 anos, já movimentou lutas importantíssimas, já, já participou inclusive de campanhas bastante mais amplas, o sindicato ainda tem algum reconhecimento. Há críticas, o SEPE não faz mais isso, o SEPE não faz mais aquilo, mas o SEPE ainda é visto por uma parcela grande da categoria como aquele que representa, e que deveria representar melhor, mas que representa a categoria. Você tem outros sindicatos que concorrem, o principal deles é a [UPI?], é um outro sindicato que com base em Niterói e que outras pessoas são filiadas, tem alguns benefícios jurídicos e médicos pros credenciados é um sindicato bastante mais pelego, e que faz o discurso do atual governo, por exemplo, da atual secretaria de educação, mas as pessoas ainda reconhecem no SEPE uma credibilidade muito grande. No município de Caxias, a existência da data base, que eu já tinha falado antes, faz com que a gente tenha que encontrar e as pessoas vejam no sindicato pelo menos uma vez por ano, como alguém importante pra sua vida profissional, funcional, financeira, tal. Então todo ano, na data base, que é maio, que esse ano foi mais cedo por causa da lei de responsabilidade fiscal [?], mas todo ano que é maio, a gente tem um número expressivo de filiações, faz assembléias muito mais representativas, consegue mobilizar as pessoas, esse ano a gente teve uma greve de

quatro dias, nunca trabalhei tanto na minha vida, uma greve de quatro dias que mobilizou, que fez... nós tínhamos uma assembléia, uma assembléia, é, a penúltima assembléia nós tínhamos quase 200 professores, isso pra rede municipal de Caxias é um número bastante significativo, né, fora que nós tínhamos um percentual de paralização real em torno de 50 pra 60 % das escolas, embora no jornal eles dissessem 80, 90 %, mas nós tínhamos 50% das escolas e crescendo, é, então isso tem uma relação diferente com as bases, as reuniões são, apesar das direções eleitas de estado e indicadas no município, nós somos normalmente melhor recebidos nas escolas do município, as diretoras não podem negar o acesso, os professores reconhecem, se reúnem, muitas vezes vêm pra conversar coletivamente com a gente, encaminham as demandas, é uma outra relação.

N: Em cima disso tudo que você falou, como é que você avalia, você Tarcísio, a atuação do sindicato, tanto em termos das formas de luta, da organização, qual é a sua análise?

T: Olha, o SEPE não tá descolado da realidade que tem hoje de refluxo da classe trabalhadora. Então a minha primeira avaliação é que há uma crise profunda na rede estadual principalmente, de que há um refluxo, né, as pessoas não tão chegando é, você tem tido derrotas, mais derrotas do que vitórias, então tem esse contexto, o contexto da vitória do Lula [?] e ao mesmo tempo da, da decepção que o Lula [?] maior, é as pessoas, os ataques do governo tem sido muito fortes na rede estadual principalmente. É, eu acho que a atuação às vezes é equivocada, a gente por exemplo esse ano passou o ano inteiro, a gente lá de Caxias, dizendo que a política do estado deveria ser a entrada na justiça pro reajuste salarial e a, o jurídico do sindicato não se movimentou nesse sentido utilizou uma ação mais antiga, que era por data-base, essas coisas não mobilizaram, não criaram, há muitas vezes boicote de algumas facções políticas pra que as coisas não aconteçam porque elas pretendem o jeito errado pra conquistar o sindicato um pouco mais a frente, isso prejudica um pouco. No contexto da [?] interna é muito prejudicial pra todo mundo. Agora, eu ainda acho, ainda acho que a atuação nesse momento tá sendo fundamental o sindicato ainda é um espaço de, é, de mobilização, de conscientização, de discussão, é, que por exemplo, às vezes a gente consegue, essa revista, por exemplo, nós fizemos com o Galdêncio Frigoto, [?] Casimiro, com alguns educadores, alguns professores, alguns professores, alguns aqui da UFF, alguns da UERJ e tal, fizemos um seminário de lançamento nós tínhamos quase 200 pessoas lá, as pessoas leram, discutiram, fizeram discussão nas escolas, isso foi iniciativa do sindicato. Isso é muito importante, eu acho, é muito gratificante pra gente, inclusive eu teve a iniciativa, que correu atrás, tal. A gente, por exemplo, em Caxias, também de novo, tá com um problema sério no instituto de previdência que a gente tem lá, a ação do sindicato garantiu que por exemplo agora haja uma auditoria inter... externa, o governo tem recuado, teve que retomar atendimento médico que não queria. Essas coisas são importantes, né. Além de uma coisa que eu acho fundamental que ainda é o único espaço de crítica mais geral que muitas vezes, minto, não é o único, mas é um dos mais importantes que o professor na escola, por exemplo, lá em Xerém consegue ter. Uma escola de primeira a quarta série em Xerém, difícil de chegar, em que os professores são todos da região, e que são isolados, não isolados, obviamente, porque tem televisão, tem jornal, não sei o que, e são professores, buscam, etc. mas quando você chega lá pra discutir, é, a política educacional do governo pra isso, a política educacional do governo pra aquilo, o reajuste salarial que não teve, o [?] que não teve, é um momento em que as pessoas se sentem importantes, porque pode falar, perguntar, se sentem atendidas, isso é algo impagável, algo que eu acho que não se deve desprezar, né, de você conseguir ainda, é um pouco de dar um sentido de classe pra essas pessoas, né, não que elas não tenham, porque elas se sentem exploradas como o professor da escola ao lado, ou da escola que eles conhecem que tá lá,

mas você consegue articular e costurar essas pessoas de uma forma bastante interessante. Eu acho que isso ainda é promissor, ainda é importante.

Nina: E as greves?

Tarcísio: Cara, assim, essa gre... essa data-base desse ano de Caxias foi assim, é, eu já tava, tava na direção, acabei indo a todas as negociações da rede municipal, como acabei articulando algumas questões de algumas propostas, como sou bom de conta, acabei estando presente em vários momentos diferenciados. Quando a gente decidiu pela greve, é, foi até interessante que eu, a, quando a gente foi pra, pra, pra negociação anterior a greve, em que não tínhamos nenhuma proposta concreta, nenhuma proposta positiva, eu achava que não deveríamos ir pra greve, que os professores não viriam, que a gente ia ficar sozinho. Então aí uma diretora que tem lá que é a [?] falou assim, olha, a gente não tem como entrar na greve, ou sair da greve só com a avaliação de que os professores virão ou não. Tem que lembrar qual é o papel do sindicato, o papel do sindicato agora é chamar a greve porque qual é, a proposta é uma proposta horrorosa, piora, tem problemas, então o papel do sindicato é chamar a greve, e se as pessoas vierem é porque elas compreenderam aquilo, se elas não vierem, a gente, ó, o sindicato fez seu papel, o que o sindicato não pode é, é se omitir numa hora dessas. Isso foi importante, mudou bastante o que, a gente chamou a greve, as pessoas vieram pra greve, as coisas aconteceram, mais foi assim quase 24 horas por dia, eu cheguei a dormir em Caxias, eu cheguei a sair de lá meia-noite, uma hora, pelo menos duas vezes durante a greve, de chegar de manhã cedo, de correr escola [?] de enterrar a secretária de educação, apesar das ameaças do governo Zito, um governo de matador, assassino, de todo, todo um contexto de fazer greve em Caxias não é exatamente muito tranquilo, é, mas a gente fez, fez, botou o governo contra a parede, arrancou algumas coisas a mais, é um momento assim de crescimento, do tipo cê tá numa assembléia com 200 professores e tem que dar conta pra aquelas pessoas de convence-las de que a greve ainda devia continuar, porque havia mais coisas, que o governo ainda não tinha sido, e de ao mesmo tempo articular isso, olha, não tá descolado, não é uma briga só corporativa, uma briga que tem haver com toda a classe, com a sociedade em que a gente tá inserido, é muito bom, muito bom, é cansativo pra caramba, mas é algo que é claro que eu não caio naquela história de que a gente tem que chamar greve todo ano, mas assim, a, o momento da greve pra quem tá na direção do sindicato e pra quem tá participando dela enquanto [?] crescimento importantíssimo.

Nina: Vamo falar então, é,... não, ainda duas coisinhas, eu lembrei... a primeira, você tem algum vínculo com partido político?

Tarcísio: Não, eu, quer dizer, não é exatamente não. Vamos lá. Eu já fui filiado ao PT, é, estou fora do PT há muito tempo, desde a minha militância no movimento estudantil aqui, eu nunca fui orgânico do PT, nunca pertenci a nenhum núcleo, nenhuma tendência, etc. é, hoje eu tô muito próximo de pessoas que já entraram, que tão organicamente ligadas ao PSOL, ao Partido Socialismo e Liberdade, é, saindo daquela dissidência daqueles que foram expulsos do PT, que tem a Heloísa Helena como um dos principais nomes, é, desse partido. Eu ainda não fiz, é, não, ainda não tô organicamente, não tenho nenhuma participação em plenária, reunião específica do partido, mas já me identifico no próprio sindicato inclusive com adesivo, com nome, já assino as teses do partido, já tô próximo por achar que é uma possibilidade importante de construção da luta da classe trabalhadora, então qual é a idéia, eu já tive, engraçado falar isso, eu já tive muito próximo do anarquismo enquanto teoria de que o partido não era o sentido, que o estado não era o espaço de luta privilegiado. Nos últimos, no último ano principalmente, no último um ano e meio, que é um ano de militância no sindicato, eu tendo a crer que o partido seja um espaço importante pra unificar diversas lutas, a luta que a princípio fica muito corporativa no sindicato tem uma chance de se unificar,

é, no partido político. Nesse sentido, eu tô próximo ao PSOL porque acho que seja a chance de articulação de uma alternativa ainda que tá muito melhor na questão do partido, então é um pouco por aí.

Nina: E a relação do sindicato com os movimentos sociais? O sindicato que você atua.

Tarcísio: A gente tem uma relação com o movimento estudantil que tá entre parceria e crise, em Caxias principalmente. Pelo que as pessoas contam, que são mais antigas, a relação já foi muito melhor, mas a gente dá o máximo de apoio possível do ponto de vista financeiro, do ponto de vista de que eles precisam de espaço pra se reunir e pensar, mas não é uma relação muito fácil, porque a gente chama, por exemplo, pra briga e a luta foi com relação a falta de professores no estado, que é uma briga dos estudantes também, teve muito pouca participação, e isso gerou tensões, gerou conflitos. É, fora o movimento estudantil, a relação do SEPE Caxias com os movimentos sociais, a gente tá de uma certa forma vinculado ao município, então tem uma vinculação, uma relação com o movimento negro em Caxias que muitas vezes nos reconhecem enquanto parceiros importantes, o movimento da Igreja, é, embora tenham críticas de parte a parte, então por exemplo na época das eleições a gente tinha uma mobilização conjunta nos próprios debates, na própria discussão das eleições municipais, tal, então tem uma relação, tem uma relação, por exemplo, com o [MUB?], que é um movimento da associação de moradores em Caxias, que é também uma relação de apoio, tal. No SEPE mais amplo eu acho que tem até menos relação com os outros movimentos sociais do que devia. Eu acho que por exemplo, é, o SEPE acaba, porque tem que dar conta de muita coisa, tem uma demanda muito grande, é um sindicato por si só muito grande, acaba meio se isolando, né, acaba meio que se isolando, nas suas lutas, eu acho que tem uma articulação menor, fruto também do refluxo dos movimentos, dos problemas que a gente tem, né. As coisas, a discussão na ligação hoje com, por exemplo, é, a discussão e a crítica sobre fica ou não fica na CUT, se, qual é a crítica, e qual é o papel, tal, que acaba sendo algo importante, acaba sendo uma das, um dos pontos que acabam ligando outros movimentos que tãem em torno do SEPE. Mas passar disso pra um projeto de sociedade que seja diferente, que consiga construir com outros movimentos, isso ainda não tá no horizonte muito próximo do SEPE. Infelizmente.

Nina: Então, é, dá vontade de perguntar muita coisa...

Tarcísio: [risos]

Nina: Vamo, vamo...

Tarcísio: Deixa pra outros papos.

Nina: É.

CD 02 – Faixa 02

Nina: Vamo passar um pouco pra, pra sua experiência aqui na UFF como professor universitário. Cê teve outra experiência como professor universitário além dessa?

Tarcísio: Não. Não, essa é a primeira.

Nina: E como é que foi que você ingressou aqui?

Tarcísio: É, é, eu tava, sei lá, eu não tinha nenhuma perspectiva, no final do ano passado, no final de novembro, outubro do ano passado, é, tava pensando se ia tentar o doutorado, já tinha terminado o mestrado, tava pensando, já tinha desistido de tentar o doutorado, quando alguém me avisou que tinha o concurso de professor substituto aqui. É, o concurso abriu numa semana, a prova foi na outra, e na outra eu já tava na sala. [risos] Então foi uma experiência, na outra eu já deveria estar na sala, porque na outra já tinha começado o período, mas aí adiaram o início das nossas turmas, da minha turma e da turma do Marcelo, que foi o outro que entrou, por quinze dias pra gente pelo menos poder preparar o programa das disciplinas, que nem isso a gente tinha, né. Então o que que aconteceu, foi uma

experiência extremamente repentina, foi extremamente inesperada. Eu não tinha qualquer plano de tentar alguma coisa nesse sentido, não estava nos meus planos, apareceu, caiu na minha cabeça feito uma pedra, é, e foi ótimo, no final das contas. Por que? Porque eu nunca estudei tanto na minha vida quanto nesse ano, porque é condensado, eu acho que eu li, li e reli e me esforcei pra pensar e preparar, é, muito mais coisa, num nível bastante diferente do que é no ensino fundamental e médio, que a gente também estuda, mas é uma outra história. Pra preparar um aula do ensino médio você tem que tá lendo lá, procurando, mas você não tem a, a, a preocupação de tá apresentando todo o debate teórico, os problemas que podem ter pros alunos de graduação que vão te perguntar aquilo com certeza. Então, é, há uma, até obviamente, uma insegurança maior, a mesma insegurança que eu tive lá quando eu entrei na turma quando me perguntou o mercantilismo é óbvio que eu tive quando entrei na primeira turma de graduação, porque pra, é um outro esquema, embora fosse muito mais fascinante, assim, na percepção de poder discutir também as questões num outro nível. Era um desafio. É, e foi repentino como ele. Primeiro eu estudei muito pra fazer a prova, porque como a inscrição foi numa semana, a prova na outra, eram dez pontos, e eu tinha que preparar os dez pontos, se não eu tava ferrado, então fui ler a bibliografia pra dez pontos, eu li muita coisa, passei o final de semana, e isso aproveitou, me ajudou muito pros cursos que eu montei depois. O curso de geografia, que era um curso de história do Brasil, e eu tinha feito a prova em história do Brasil, acabava uma coisa se juntando a outra. A experiência tem sido muito interessante, né, eu dei seis disciplinas, foram três períodos. O primeiro período num curso pra geografia, outro pra história, o de geografia eu dei de novo, foi uma experiência ótima, que era conseguir reler toda a bibliografia da história do Brasil desde colônia à república e com um pouquinho mais de tempo, e trazer os textos pra discussão, e ouvir deles, e tentar o diálogo com a geografia, que foi o tempo inteiro meio confuso, porque eu não saco também muito da teoria, teoricamente de geografia, e eles sacam também pouquíssimo de história, porque é a única matéria que eles fazem de história, mas acho que a gente conseguiu, as turmas, os alunos que eu encontro por aqui tem o maior carinho ainda, me mandam e-mails, acho que foi uma experiência bastante interessante. A primeira experiência pra turma de história foi muito esquisita, porque, é, como o período começava uma semana depois do concurso, a inscrição em disciplinas foi durante o concurso, então o nome dos professores, o nome da minha matéria não tava, nem o nome da minha matéria, nem o meu nome, então era uma matéria que tinha seminário histórico, é, da cultura e mentalidades, seminário em história da cultura e mentalidades IV, professor vazio e curso vazio, então óbvio que ninguém se inscreveu, a não ser quatro doidos que resolveram se inscrever por razões do tipo eu tenho que me formar, só esse curso entra nesse horário e aí fez o curso. Então era meio esquisito, eu tinha quatro alunos inscritos, só dois fizeram o curso, eu tinha dois alunos na sala, quando um faltava eu tinha que ficar conversando com uma pessoa. Então era, foi algo muito esquisito, mas era um curso que eu tinha vontade de repetir um dia, que era um curso de questão agrária, de questão do mundo rural, só que mais voltado pra representações do homem do campo, era um curso de cultura e mentalidades, eu não podia ficar só falando do que era a minha área, de econômico e social, de poder e idéias políticas, então eu tinha que tentar puxar pra cultura e mentalidades o máximo, peguei pela parte de cultura, ideologia, etc, tentando discutir isso. É, além dessa experiência, tive uma experiência com a turma de economia que foi, é, interessante, porque eu acho que eu não dei conta do curso, primeiro porque tinha uma questão, uma bibliografia da qual eu não tava, há muito tempo eu não tinha história econômica européia, segundo porque eu acabei pensando o curso do mesmo jeito que eu tava pensando pros alunos de geografia, que seriam futuros professores, é, e que tava todos a fim de discutir, a turma de economia era uma turma preocupada com as matérias de cálculo, e que não tinha o mínimo

interesse, a não ser umas três meninas que sentavam mais próximas, dois caras que tinham um pouco mais de interesse, embora bastante liberais em algumas posições, tinham algum interesse pelo menos em discutir, a grande maioria da turma não tava interessada, então eu acho que foi um curso que se manteve em crise, em alguns momentos quando tinha discussão de texto e ninguém tinha lido o texto eu parava e tentava refletir com eles e não deu certo, acho que então é um curso que eu não, acabei, se eu tivesse que dar esse curso hoje seria bastante diferente do que foi. Mas foi interessante até por conta disso, né, até de aprendizado desse tipo de relação, é, diferente que a gente tem. E tô tendo agora experiência agora com o curso de história, e aí agora as pessoas já sabiam no que tavam se inscrevendo, tem dez alunos até porque me botaram pra concorrer com Badaró, com Daniel Aarão, com todo mundo que lota as salas, e aí na verdade obviamente tem menos alunos mesmo, é, e, e um curso de ciências sociais, que tem sido outra história, é só Brasil colônia e aí eu tenho que dar conta de uma área, de novo é história do Brasil, mas não é a área que eu tenho mais especialidade que é história do Brasil republicano, e aí eu tô tendo que reler umas coisas, que enfrentar algumas questões, que são alunos muito recentes no curso de ciências sociais, né, algumas questões, é, que eu tenho que acabar dialogando o máximo com a área da antropologia, da sociologia, eu tenho me sentido nas aulas inclusive, eles participam mais que os alunos de geografia, em algumas aulas inclusive meio sentindo uma, tem uma coisa que eu sinto tanto nas aulas de história quanto nas aulas de ciências sociais, é, que é normal, quer dizer, falta leitura pra mim, falta uma carga de leitura maior que eu consiga articular autores, aqueles autores que e não tiverem minimamente preparado a aula ou autores que estão mais próximos da minha discussão, eu tenho dificuldades de estar articulando, o que é normal, né, eu tenho clareza, eu sou um professor muito novo na área universitária. E o curso de história tem sido ótimo, que é repensar minhas questões, né, pro mundo agrário, pra questão rural, pra questão do Brasil republicano, aí é um curso perfeito, é um curso que eu montei, que eu quis e que eu tô conseguindo trabalhar.

Nina: E sua relação com os alunos é boa?

Tarcísio: É boa, é boa, é boa. Tirando esses alunos de economia, eu tinha um aluno especificamente que escreveu na prova umas besteiras tão grandes, dizendo que o capitalismo era isso mesmo, que tava correto, de que os mais pobres era a natureza que eliminava os mais fracos, nesse nível mais rasteiro, e eu tive que comentar a prova dele, quer dizer, eu tive que dar uma nota pra uma prova dessa, comentar, dei uma nota horrorosa, mas tive que explicar, ele não aceitou a minha, minhas explicações, devolveu a prova com muitas outras besteiras escritas, é, no final eu aprovei o cara, muito mais porque ele dizia que achava, e ele me acusava disso, ele não falava na aula, mas ele escrevia muito e mandava as coisas escritas, me acusava de que num certo sentido havia uma perseguição ideológica, eu achava que não, embora, é, isso fazia parte do contexto todo, eu não posso abrir, é, não posso abrir mão disso. Eu acabei aprovando, né, porque num certo sentido, vai que tem alguma coisa realmente, eu não tinha completa segurança, até por conta de como é que foi curso, né um curso que não era só ele que tinha dificuldade de na verdade participar e ter interesse, eu acabei aprovando o aluno, embora tivesse assim, eu tô aprovando um, um futuro ministro da economia muito filho da mãe, entendeu, se aquele cara um dia chegar a ministro da economia eu vou ficar com peso na consciência desgraçado, mas tomara que não. [risos]

Nina: Sua relação com os professores aqui do departamento.

Tarcísio: Ah, tem com alguns professores que já eram próximos na época da graduação a relação é maravilhosa. A gente tá aqui fazendo a entrevista na sala da Virgínia, quando a Virgínia me ofereceu a sala eu não sabia o que eu fazia, entendeu, de tão feliz num sentido de, até pelo simbólico, de da, da coisa de tá dividindo a sala como professor do

departamento com uma das pessoas que eu mais admirava aqui, é algo diferente, né, algo diferente, então a relação com alguns outros professores como a Sônia, até mesmo o Theo, foi uma relação que ficou mais próxima, é, e assim, algumas coisas mais curiosas, com umas pessoas que eu não conhecia, como o Jorge Miguel, me cumprimentam, vêm falar, eu consegui voltar a conversar, que já não conseguia, com o Mário Jorge, eu tenho uma ótima relação com ele e tal, então é uma relação interessante, embora, é, você fique isolado, é diferente das escolas, você não tem um espaço onde você esteja discutindo com os outros professores, não tem o espaço do recreio, onde os professores estão sentados na sala dos professores, tá certo que isso os isola dos alunos, isso é um problema, e os professores estão lá falando do aluno “A”, da turma “B”, e que no final das contas acabam criando, falando das suas vidas, isso não há, acaba ficando uma coisa meio isolada, aquela coisa do pesquisador, que sabe tudo meio que sozinho, e que vai dar aula, e que volta e que não tem, eu algumas vezes pensei, é, que eu às vezes precisava de um outro professor pra tá discutindo as coisas do programa comigo, pra tá discutindo as leituras, e claro que eu tinha acesso a Virgínia, a Sônia pra fazer isso, e até mostrei os primeiros programas pras duas, pra Sônia e pra Virgínia, e pra Márcia, também cheguei a mostrar pra Márcia Mota, mas no cotidiano do dia a dia a vida de professor universitário é muito isolada, eu não tinha muito essa idéia, pode ser também porque eu não estou em nenhum laboratório, sei lá porque, mas é uma vida meio isolada.

Nina: Você tem uma preferência entre dar aula em escola ou em universidade?

Tarcísio: Pô, essa é uma questão que eu ando me fazendo. Porque assim, eu adoro as minhas crianças de quinta série, entendeu, é, porque tanto pelo desafio que é trabalhar com elas alguma coisa que tem haver com a compreensão da sociedade que as cerca, de, da curiosidade daquelas crianças de quinta série, que é uma curiosidade maluca, que eu acho que você tem que conseguir trabalhar, que dificulta o andamento da aula, mas você tem que conseguir aprender a trabalhar, gosto muito dos meus alunos da noite do ensino médio, assim, é, é, esse ano inclusive tem sido um ano particularmente ruim porque a greve lá em Caxias, o movimento do SEPE, trabalhar aqui, agora o projeto de doutorado, tem dificultado a preparação das aulas do estado, eu tenho clareza que acabei deixando o estado de lado, foi a última coisa nas minhas prioridades e isso é ruim, tenho feito uma auto-crítica nisso, mas eu adoro dar aula pra eles, e gostei muito a experiência daqui, então a questão é assim, se eu tivesse que optar hoje entre um e outro, eu não sei o que fazer, o que faria, eu, se um dia essa questão tiver na pauta, olha ou você dá aula pra universidade ou vai dar aula pra tal eu ia ter que parar, pesar várias coisas, aí as questões materiais vão pesar, as questões do, do que que eu tiver fazendo no momento vão pesar, porque eu não tenho clareza pra responder essa pergunta hoje não.

Nina: Você é professor substituto aqui, né?

Tarcísio: Hurrum, quer dizer, era até dia dois de novembro, hoje é dia nove, eu já não sou mais há sete dias.

Nina: E o que que, o que que é, o que que era, o que que foi, ser um professor substituto, o que que significa isso?

Tarcísio: É, é engraçado, né, quando, primeiro professor substituto é aquele faz tudo, né, ele pega as turmas, são os buracos que o departamento não consegue cumprir, cobrir com os seus professores, é, os seus professores fixos, né, então tem uma coisa nessa história que você tá o tempo inteiro um patamar abaixo do restante dos outros professores, né, tem isso. Por outro lado, você já é reconhecido enquanto um professor de universidade, então... Tem uma situação precária, que é o tempo inteiro você tá assim, olha, isso aqui vai acabar, você fica o tempo inteiro dizendo, não dá pra investir tudo da sua vida nisso aqui, porque isso aqui é temporário mesmo, você tem que aproveitar pra aprender, é, o máximo possível, mas isso

vai acabar daqui a pouco, isso é ruim, né, você não tem como fazer um projeto mais longo prazo, eu acredito isso mesmo nas escolas de, de, é, eu vivo dizendo isso pros professores meus amigos que vivem em crise, eu vivo dizendo olha, ou você não pensa alguma coisa pra médio, longo prazo na escola que você tá, ou muda de escola pra encontrar alguma que você possa fazer isso. Aqui eu não tinha essa possibilidade, eu tinha que viver o curso que eu tava dando porque no semestre que vem eu podia tá fora, né, então não tinha como pensar um projeto a longo prazo, não tinha como criar vínculos maiores, eu lembro que o Paulo Knauss, que era o coordenador quando eu cheguei aqui pra ele me dizer as primeiras disciplinas, ele veio me dizendo isso, olha, Tarcísio, é muito difícil a vida de vocês aqui, porque vocês não vão criar um vínculo com os alunos, porque não serão os seus orientandos, é, você não vai orientar monografia, você não vai fazer aquilo, você não vai participar, é, de apenas uma parte da vida acadêmica, isso é ruim, porque você acaba se sentindo incompleto o tempo inteiro. Por outro lado foi ótimo, foi ótimo nesse sentido.

Nina: E aí, com essa relação, que você tá colocando, diferenciada, tem espaço pra atuação política?

Tarcísio: Pequena, por conta de que eu não sou professor dedicação exclusiva, não é nem porque eu sou professor substituto. Por que? É, porque na verdade a atuação, por exemplo, na reunião de departamento, que eu acabei indo pra me posicionar sobre ensino à distância, é, foi importante, eu acho que na verdade, depois até porque alguns, mesmo umas pessoas que votaram contrário, que votaram a favor do ensino à distância vieram falar que tinham achado interessante, que concordavam, mas que não achavam, que achavam que o momento era pra implantar mesmo, etc. Eu acho que foi o máximo de atuação política foi em torno dessa questão, eu acabei depois participando de um debate, vou participar de outro, né, depois no início de dezembro, a própria, as próprias pessoas do movimento estudantil vieram me procurar, e tal, mas foi muito efêmero porque, primeiro eu não tinha como me dedicar mais, por conta exatamente de todas as outras tarefas, né, por conta das próprias tarefas de preparação de aula e de estudo pra dar aula aqui mesmo, então essas coisas me impediam, eu acho que era a falta de tempo que me impediu de uma atuação política mais concreta, eu fui dizer inclusive pra um aluno que veio me procurar dizendo assim, olha, o problema é que a minha prioridade de atuação política é o SEPE, eu não tenho como priorizar a atuação política na UFF, não dá pra compatibilizar, é, são atuações políticas diferentes mesmo, e assim, na lógica de que em tudo que eu entro eu acabo fazendo, participando, querendo interferir, querendo contribuir, etc, era muito difícil conseguir me dispor na estrutura que tava minha vida pra conseguir interferir mais no departamento. Fiz nesse esquema do ensino à distância de forma muito precarizada, devia ter sido muito melhor, eu não consegui, por exemplo, produzir, fiquei com vontade de produzir um texto em algum momento, nem isso eu consegui fazer, porque não dava mais pra fazer isso mesmo.

Nina: E a sua relação com o sindicato, com a Associação dos Docentes da UFF, tem alguma?

Tarcísio: Não, eu não consegui nem me filiar. Eu já não sou mais professor substituto, agora já não dá mais. O Badaró várias vezes, e a Adriana também, falava não, vai lá, você se filia, eu falei, não, eu vou, tal, e eu não consegui me filiar a ADUFF, e eu queria ter feito isso, isso é um problema, agora já não dá mais. É, minha atuação acabou sendo muito mais, as assembleias, nenhuma das assembleias acabou acontecendo em dias que eu podia ir, né, quando elas aconteciam em dias que eu tava aqui normalmente tinha alguma atividade do SEPE, então eu acabei não indo às assembleias, e acabava acompanhando via internet, via o Badaró, perguntando e aí Badaró, como é que tá, a expectativa desse ano da, de possível e deflagração de greve ou não, etc, se a greve tivesse sido deflagrada com certeza minha

atuação, meu contato teria sido maior do que foi, mas como a greve acabou não sendo deflagrada, o próprio movimento deu uma caída eu não tive muita participação.

Nina: Você não pegou nenhuma greve aqui?

Tarcísio: Não.

Nina: Dando aula aqui. ...é, e essa...

Tarcísio: A única paralização que eu fiz eu soube no dia que eu tava chegando aqui, foi uma paralização tirada eu acho que dois dias antes, quando eu entrei no campus tinha uma facha, os alunos chegaram falaram olha não tem aula não porque tem paralização. [risos] os alunos da geografia. Eu falei, cara, eu vou ficar esperando aqui até oito horas da noite pra dizer pros alunos de economia que não vai ter aula, eu fui embora, achando que eles não viriam, achei que eles não viriam, achei que eles não viriam, na aula seguinte tinham vindo todos, porque o pessoal, de novo a diferença, os de geografia vieram uns três, quatro alunos, os outros já sabiam nem vieram, os de economia, como eles vinham da matemática, todos tiveram aula na matemática, vieram pra cá e não me encontraram, eu falei, olha, mas era paralização, eu sou substituto, mas não vou, não serei eu a furar o movimento, porque, foi no semestre passado, não foi nesse semestre não, foi no semestre passado.

Nina: Assim, como eu tô fazendo um curso com você, eu sei que o seu contrato já acabou... [Tarcísio: risos] ... e o curso não. [risos] E por isso queria te perguntar como é que é isso também, de você tá, continuar aqui dando aula, o seu contrato tendo acabado. Como é que fica isso na tua vida...

Tarcísio: Não...

Nina: ...de uma maneira geral.

Tarcísio: É, eu hoje inclusive vou dar o calendário até o final, dizendo olha, aqui é o limite, não dá pra passar mais disso, porque, é, tem a complicação do tempo principalmente, Então, primeiro porque eu acho que eu tinha um compromisso com a turma, que era conseguir montar um curso até o final, como nós tivemos diversos feriados enforcados, eu assim, sinceramente, a questão tem sido meio prática, no sentido do compromisso com a turma, quer dizer, eu tinha a opção ou de dar aula nos feriados enforcados, o que não daria certo, porque os alunos não viriam provavelmente, o esforço seria muito grande pra mim e para os alunos, eu tenho clareza disso, ou compensar esses feriados enforcados de segunda-feira em dias depois do meu contrato encerrado, junto disso nós tivemos algumas atividades, é, atividades aqui do departamento que eu considero importantes até do ponto de vista de aula, mas que eu achava que não deviam substituir aulas que eu tinha proposto pro curso, então com isso eu tô fazendo um esforço que não era a vinculação do fim do contrato, mas era tentar dar uma unidade pro curso, né, então é, são essas as relações. É ruim, porque na verdade assim, eu já não tô mais recebendo pra trabalhar, é, tenho que correr atrás de outras coisas, a falta desse salário aqui agora vai fazer falta, mas por outro lado eu achava que tinha que manter esse compromisso, de terminar o curso, de encerrar, acho que é ruim encerrar o contrato de professor substituto no meio dele, acho que política e pedagogicamente isso é um equívoco, mas parece que juridicamente não havia espaço pra renovar por mais um mês, por mais dois meses, é, é isso, acabou não acontecendo, né. Fiquei sabendo inclusive que os alunos de ciências sociais, não sei nem se os alunos de história também assinaram, eu só fiquei sabendo pelo corredor, rolou um abaixo-assinado pela minha permanência, fiquei extremamente lisonjeado, fiquei sabendo com, o Addor me encontrou nesse andar aqui, ô, Tarcísio, acabei de ouvir bem tão, falarem tão bem de você, eu falei, o que que foi, rapaz, eu não tava sabendo mesmo, ele falou que o abaixo-assinado rodou lá na comissão de pessoal e terminou na mão da Sheila, eu não ser exatamente o que que aconteceu depois disso, ninguém veio me falar nada oficialmente, né, assim, mas é, infelizmente essa história da precarização do trabalho, é engraçado como se repete, né, eu

falei da terceirização dos funcionários, falei da falta de professores no estado, se a gente pensar nessa história do professor temporário também é uma precarização do trabalho, é, e é isso que dá a precarização, você não tem terminar um curso, cê termina o contrato no meio o período, é, você vive uma situação incompleta, que não consegue dar conta de todo, toda a dinâmica pedagógica e política do departamento, agora, eu me, eu me meti nessa, então é isso, tem que sair agora, sair bem pelo menos.

CD 02 – Faixa 03

Nina: Quais são suas perspectivas pro futuro? Daqui pra frente.

Tarcísio: É, eu acho, por conta, de uma lado a questão financeira, de outro lado a questão de que agora, eu tava brincando de que eu tinha pensado que o SEPE tinha jogado a questão acadêmica, de pesquisa, pro escanteio, quando eu entrei no SEPE falei assim, agora a questão acadêmica fica de lado. Como esse concurso de professor substituto caiu em cima de mim, a questão acadêmica voltou, seja porque a reflexão pras aulas me fez de novo pensar todos os problemas teóricos que eu achava importante, seja porque eu voltei pra dentro da academia, e aí mal ou bem o desejo de voltar a fazer pesquisa, de lembrar de que porra, fazer também a pesquisa lá de arquivo, escrever alguma coisa é muito bom, eu preciso voltar, então vou tentar os doutorado agora em, agora dia 19 quer dizer, tentar o doutorado, entregar o projeto no dia 19, no meio de uma conferência do SEPE em que a coisa tá pegando fogo e eu tenho que ainda terminar o projeto do doutorado, ainda tem que terminar os cursos, ainda tô dando aula no estado, essas coisas, mas tem que fazer o projeto, e aí isso significa de pensar ano que vem de tá fazendo o doutorado já, no primeiro ano do doutorado. Outras perspectivas: eu tô a, eu fiz o concurso do Pedro II, sou o próximo a ser chamado há quase um ano, e eles não me chamam, se eles me chamarem significaria assumir o Pedro II e largar o estado, né, isso é possível, e vou tentar agora o concurso pro Instituto Superior de Educação, da FAETEC, tem uma vaga, uma vaga pra história, tem que ter mestrado, e eu vou tentar o concurso sem grandes esperanças, porque eu não, é, essa minha trajetória, alguns méritos acadêmicos que são cobrados nesses concursos eu não tenho, como publicar, coisas publicadas, então as chances, coisas publicadas e, outros, outros elementos eu não tenho e isso vai fazer a maior diferença na prova de título, então não tenho grandes esperanças. Mas são as perspectivas pro futuro são essas, vou continuar dando aula no estado, sindicato, pode vir o Pedro II, pode vir o doutorado, e aí tem que mudar a vida, mas as perspectivas pro futuro são essas. Mais pra frente aí, mais um ano ou dois ter mais um filho, essa história, as perspectivas de futuro são por aí.

Nina: Que que significa pra você, a gente tá finalizando já, ser professor?

Tarcísio: ... [pausa]

[risos]

Tarcísio: Depois desse papo todo [risos]. Cara, assim, eu acho que tem aquela história da, da ingenuidade lá da opção de fazer, porque fazer história, né, que é transformar a sociedade, né, que era isso lá, com essa frase, exatamente como ela tá, ela de uma certa forma ela não, não, ela não se perde completamente, não há mais a pretensão ingênua de que com simples fala na sala de aula você vai criar, é, cinquenta crianças de quinta série dispostas a tá interferindo na sociedade em que elas vivem, ou mais conscientes, ou mesmo quando elas chegarem na oitava, no ensino médio ou mesmo na graduação, que elas estarão mais conscientes das relações nas quais elas estão inseridas, e por isso vão interferir e construir uma sociedade melhor, não tem mais a ingenuidade, mas ainda tem bastante dessa idéia, da idéia hoje que é um pouco do Gramsci, do intelectual orgânico, do persuasor permanente, daquele que tá o tempo inteiro convencendo, construindo a contra-hegemonia, ser professor pra mim é isso, né, e aí é ser professor no sindicato, aqui, lá, onde

for, né, no final das contas a idéia de, é, tá dessa forma construindo a contra-hegemonia, é, construindo a luta da classe trabalhadora pelo socialismo, são elementos, princípios que estão por trás dessa opção de ser professor, ser professor, não é que seja obrigado a ser professor pra cumprir isso, você tem outras formas mais variadas de tá fazendo esse papel, que é a luta pelo socialismo, é, é, como princípio, mas eu acho que ser professor pra mim é o, um caminho que eu encontrei, eu acho que dá pra, importante de tá cumprindo esse papel. Agora, é, não é um papel fácil, não tem aquela ingenuidade que basta tá dando uma aula boa, basta tá falando pro alunos qual é a exploração, denunciando a exploração, de que isso por si só resolve. É, existe uma série de outras questões que na verdade tem haver com, com a transformação mesmo da luta política, das dificuldades da luta política, das dificuldades das opções aqui, ali, da dinâmica mesmo de que não é só porque os nossos valores são mais certos que eles triunfarão, né, na verdade isso tá, tá fora hoje, na verdade. E aí tem junto, ser professor hoje é vivenciar essa crise no seu meio, quer dizer, de tá o tempo inteiro, né, dando aula e vendo os alunos picharem a parede, ver os alunos se submeterem a relações as mais diversas, é, perigosas possíveis, ver os alunos votando no César Maia, é, apesar do que, das aulas que você passou três anos falando com eles, etc. É vivenciar essa crise. E vamos embora, é um pouco isso.

Nina: E ser trabalhador, o que que é ser trabalhador pra você?

Tarcísio: Pô... ela tá, ela resolveu agora pegar pesado né! [risos] Ser trabalhador é, é de um certo sentido, me colocar no, no, na minha posição de classe, na minha situação de classe, na minha situação e posição de classe. Ser trabalhador é ser de uma certa forma o que foi meu pai, o que foi minha mãe, o que foram meus avós, que foram operários, eu não sou operário, mas sou trabalhador nesse mesmo sentido, é ta numa posição nessa sociedade, e ter clareza disso, e de, quando aí eu falo intelectual orgânico, é ser intelectual orgânico da classe trabalhadora, é o tempo inteiro ter uma identidade com isso, é o tempo inteiro tá perguntando, o que eu faço tá servindo pra perpetuar a exploração? Então não, então não tenho que tá fazendo. O que eu faço tá contribuindo pra desmistificar, pra diminuir a exploração? Aí eu tô fazendo, eu tô de cara. É um pouco por aí, ser trabalhador é isso, é se colocar enquanto, na luta de classes.

Nina: E você, você se sente feliz com o que você faz, com a sua profissão?

Tarcísio: Com certeza, com certeza. Eu, acho que, eu tô feliz, eu não penso, se hoje por exemplo dona Neli viesse me dizer, ah, faz um concurso público pra você ganhar mais dinheiro, eu ia dizer que não, eu tô feliz assim, eu tô feliz. Acho que fiz as opções corretas, não tenho qualquer dúvida disso, que eu fiz as opções corretas, que me deixam feliz.

Nina: Tem mais alguma coisa que você queira dizer?

Tarcísio: Não. Eu já falei pra caramba, né?

[riso]

Nina: Foi ótimo, Tarcísio. Brigadão.

Tarcísio: Obrigada, obrigada você, que é isso.